

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS

LORENA SILVA TEIXEIRA DA CRUZ

DESCRIÇÃO DO VERBO *PEGAR* PARA PROCESSAMENTO
AUTOMÁTICO DE LINGUAGEM NATURAL

Vitória
2013

LORENA SILVA TEIXEIRA DA CRUZ

DESCRIÇÃO DO VERBO *PEGAR* PARA PROCESSAMENTO
AUTOMÁTICO DE LINGUAGEM NATURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração Estudos Analítico-descritivos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Aucione D. Smarsaro.

Co-orientador: Prof. Dr. Éric G. Claude Laporte.

Vitória
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP) (Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Cruz, Lorena Silva Teixeira da, 1986-
C957d Descrição do verbo *pegar* para processamento automático de linguagem natural / Lorena Silva Teixeira da Cruz. – 2013. 68 f.

Orientador: Aucione das Dores Smarsaro.
Coorientador: Érick Guy Claude Laporte. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Lingüística - Processamento de dados. 3. Língua portuguesa - Verbos. I. Smarsaro, Aucione das Dores. II. Laporte, Érick Guy Claude. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 80

Lorena Silva Teixeira da Cruz

“Descrição do verbo *pegar* para processamento automático de linguagem natural”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em 26 de julho de 2013

Comissão examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Aucione das Dores Smarsaro (UFES)
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

Prof. Dr. Eric Laporte (UFES/Marne-de-la-Valée-Paris)
Coorientador

Prof.^a. Dr.^a. Janayna Bertollo Casotti (UFES)
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ)
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

Dedico esta dissertação à **minha mãe, Elisete Silva Teixeira**, que sempre acreditou no meu potencial e a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, que me concedeu forças e discernimento para desenvolver este trabalho e que sempre colocou anjos da guarda ao meu lado. Sinto-me especialmente protegida e abençoada por Ti.

À **Prof^a. Dr^a. Aucione Smarsaro**, que me orientou com sabedoria, dedicação e carinho, me apoiando principalmente nos momentos mais difíceis sem nunca duvidar de minha capacidade.

Ao **Prof. Dr. Eric G. C. Laporte**, que sempre se mostrou bastante disposto a me atender a qualquer momento e sem o qual certamente não teria ampliado tanto meus conhecimentos linguísticos.

À **Prof^a. Dr^a. Janayna Bertolo Coser Casotti**, que, desde o início de meu interesse pela área de linguística, demonstrou respeito, amizade e incentivo em minha vida pessoal e profissional.

À **Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Leitão de Almeida**, que contribuiu na qualificação desta pesquisa com suas observações sobre os fatos linguísticos aqui averiguados.

À **Elisete Silva Teixeira**, minha mãe, que sempre contribuiu para a minha formação intelectual e para a consolidação de meu caráter.

A **Marco Antônio Silva da Cruz**, meu marido, que, mesmo sendo privado de minha presença ao longo desse projeto, me deu carinho e o apoio necessários, para eu fortalecer meus passos.

À **Silvania Dueles da Cruz**, que foi a primeira incentivadora do projeto de ingressar no curso e por sempre ter sido um exemplo de dedicação à vida acadêmica.

Aos **meus familiares**, que sempre estiveram presentes mostrando seu apoio de diversas formas e por se orgulharem junto comigo por mais esta conquista em minha vida.

Aos **meus amigos**, Bárbara Scalzer, Maria Aparecida, Mailana Dantas Medeiros, Heloá Cristóvão e Anatyelle Schineider, que sempre estiveram presentes na alegria e na tristeza. E pela amizade construída ao longo destes anos. Vocês sempre estarão em meu coração.

À **Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes)**, pelo suporte financeiro que me concedeu através da bolsa de estudo, para que eu me dedicasse em tempo integral a esta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso do verbo *pegar* em diferentes contextos de uso da Língua Portuguesa e descrever as diferentes relações de sentido que se estabelecem na relação com outros argumentos, para classificação de sua realização como verbo pleno, verbo-suporte ou componente de expressão fixa.

A motivação para desenvolver essa pesquisa surgiu, a princípio, da percepção dos múltiplos sentidos que uma mesma palavra pode apresentar na língua portuguesa. A partir dessa percepção escolheu-se o verbo *pegar* como objeto de análise pelo fato de que ele apresenta essa característica.

A descrição é feita a partir da análise de 64 construções com o verbo *pegar*, inseridas em contextos frasais, levando em conta as propriedades sintático-semânticas desse verbo, utilizando-se critérios formais para descrever os seus diferentes sentidos. A partir do resultado dessa análise, classifica-se o verbo *pegar* como verbo pleno, verbo suporte ou elemento de expressão fixa.

Esta pesquisa tem respaldo teórico-metodológico na Teoria do Léxico-Gramática (Gross, 1975) que tem como objetivo descrever as regularidades e irregularidades no uso da língua, para o Processamento Automático de Linguagem Natural (PLN). Esse estudo pode facilitar a identificação ou o reconhecimento de padrões que possam ser representados formalmente como recursos linguísticos a serem utilizados no processamento automático de linguagem natural na forma de dicionário eletrônico.

Os resultados são apresentados em uma tabela que representa o recurso linguístico. Essa tabela contém a lista dos nomes predicativos que formam sequências com o verbo *pegar* e as propriedades que ocorrem, no uso, com cada um deles.

O trabalho de descrição das construções linguísticas é fundamental para o sucesso do PLN, pois somente com as descrições em nível morfossintático-semântico e a formalização das propriedades descritas, os informatas podem desenvolver programas mais eficientes no processamento automático da linguagem natural.

ABSTRACT

This research aims to analyze the use of the verb take in different contexts of use of the Portuguese language and describe the different sense relations that are established in relation to other arguments, to classify its realization as a full verb, verb or support component expression fixed.

The motivation for developing this research came, in principle, the perception of the multiple meanings that the same word can have in Portuguese. From this insight we chose the verb take as the object of analysis by the fact that he has this characteristic.

The description is made from the analysis of 64 constructions with the verb get, taking into account the syntactic-semantic properties of the verb, using formal criteria to describe its different meanings. From the result of this analysis, ranks as the verb take full verb, verb or support element fixed expression.

This research has theoretical and methodological support in Theory Lexicon-Grammar (Gross, 1975) that aims to describe the regularities and irregularities in the use of language, for Automatic Natural Language Processing (PLN). This study may facilitate the identification or recognition of standards that can be formally represented as language resources to be used in automatic natural language processing in the form of electronic dictionary.

The results are presented in a table that represents the linguistic resource. This table contains the list of predicate names that form sequences with the verb catch and properties that occur in use, with each of them.

The job description of linguistic constructions is crucial for the success of PLN, because only with the descriptions in morphosyntactic-semantic level and the formalization of the properties described, the computer science area can develop more efficient programs in automatic natural language processing.

LISTA DE SÍMBOLOS

Adv-tempo	advérbio de tempo
Det	determinante
Loc	locativo
Nabs	nome abstrato
Nconc	nome concreto
Nhum	nome humano
Nloc	nome locativo
Nplanta	nome de planta
Ntransporte	nome de transporte
N ₀	sujeito
N ₁	primeiro complemento
N ₂	segundo complemento
N ₃	terceiro complemento
V-inf W	oração com verbo no infinitivo
*	frase inaceitável
+	ocorrência da propriedade
-	não ocorrência da propriedade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA	11
2.1 OBJETIVOS	15
2.1.1. Geral	15
2.1.2 Específicos	15
3. PRESSUPOSTO TEÓRICO	16
4. REVISÃO DE LITERATURA	18
5. METODOLOGIA	21
5.1 COLETA DO <i>CORPUS</i>	22
5.2 APRESENTAÇÃO DE CRITÉRIOS	22
5.2.1 CRITÉRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE CONSTRUÇÃO COM VERBO SUPORTE.....	23
5.2.2 CRITÉRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE EXPRESSÃO FIXA	23
5.3 FORMALIZAÇÃO	25
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO	30
6.1 RELATIVIZAÇÃO E CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE	31
6.2 BLOQUEIO DISTRIBUCIONAL E EXPRESSÕES FIXAS	35
6.3 PROPRIEDADES DOS NOMES PREDICATIVOS	36
6.4 CLASSIFICAÇÃO DE ENTRADAS LEXICAIS	42
7. RESULTADOS	44
7.1 CLASSIFICAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	44
7.2 ENTRADAS LEXICAIS	47
7.3 FÓRMULAS SINTÁTICAS	48
7.3.1 Fórmulas para representar as frases com o verbo <i>pegar</i> como verbo pleno	48

7.3.2 Fórmulas para representar as frases com o verbo <i>pegar</i> como verbo suporte	51
7.3.3 Fórmulas para representar as frases com o verbo <i>pegar</i> como componente de expressões fixas	54
7.4 TABELAS	57
7.5 COMPARANDO OS ESTUDOS SOBRE O VERBO <i>PEGAR</i> COM PESQUISAS ANTERIORES	60
7.6 COMPARAÇÃO OS ESTUDOS SOBRE O VERBO <i>PEGAR</i> COM INGLÊS E FRANCÊS	62
7.7 COMPARAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE O VERBO <i>PEGAR</i> COM DICIONÁRIO	63
8. CONCLUSÃO	65
9. REFERÊNCIAS	66

1. INTRODUÇÃO

O avanço no campo científico da humanidade tornou-se inquestionável na sociedade atual. Cada vez mais o homem tem produzido máquinas poderosas para desempenhar atividades diversas que, anteriormente, poderiam ser feitas apenas por ele. A evolução no campo da informática trouxe-nos a uma era em que grande parte das atividades produzidas pelo homem é desenvolvida pela máquina.

Tal avanço ocorre também nos estudos linguísticos, conforme cita Othero (2005), com o intuito de criar novas possibilidades de interação homem-máquina. Entre as aplicações que já foram desenvolvidas, podemos destacar aplicativos de reconhecimento de fala, síntese de fala e interação entre ser humano e máquina através de diálogos orais em linguagem natural. Porém, muitas possibilidades precisam ser exploradas, pois ainda não há um programa capaz de verificar a língua em seus cinco níveis de análise (morfológico, semântico, sintático, discursivo e pragmático).

Essa necessidade de criar ambientes computacionais eficientes para o processamento linguístico tem gerado grandes avanços na área de Inteligência Artificial. A utilização do computador com o auxílio da inteligência artificial (IA), que, segundo Winston (1987, apud Smarsaro 2000, p. 78), é um estudo de conceitos que permitem aos computadores serem inteligentes, tem gerado grandes avanços para a linguística computacional.

O trabalho de descrição das construções linguísticas é fundamental para o sucesso do processamento automático de linguagem natural, pois somente com o trabalho realizado pelo linguista é possível desenvolver programas capazes de utilizar a língua de modo eficiente, estabelecendo diálogo entre o ser humano e as máquinas. Esse é um dos fatores que nos motivou a desenvolver o presente estudo.

Nesta pesquisa, pretende-se, portanto, analisar, por meio da aplicação de critérios formais, as propriedades sintático-semânticas que caracterizam o comportamento do verbo *pegar*, para identificar os diferentes sentidos que ele adquire, dependendo da natureza dos argumentos com os quais se relaciona em contextos frasais. A partir dessa análise, almejamos estabelecer uma classificação, definindo os exemplos como: verbo suporte, verbo pleno ou componente de uma expressão fixa.

2 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A Linguística Computacional é uma área de estudos que envolve a Linguística e a Informática, com o intuito de implantar, em ambientes computacionais, o reconhecimento de estruturas linguísticas por computadores.

De acordo com Smarsaro (2000, p. 79), a Linguística Computacional (LC) surge da pesquisa em inteligência artificial *stricto sensu* – processamento de linguagem natural *lato sensu* – pesquisas e usos com o auxílio do computador. A LC tem o objetivo de codificar as pesquisas feitas sobre o léxico de uma língua para eliminar possíveis ambiguidades na tradução feita pelo computador através de *softwares* específicos.

Com todos os avanços da Linguística Computacional, surge uma subárea voltada diretamente para a construção de *softwares* para o tratamento de línguas: o Processamento Automático de Linguagem Natural (doravante PLN).

Além da construção de *softwares*, o PLN é importante na construção de programas que interpretam e geram informações em linguagem natural, o que facilitou as pesquisas linguísticas, pois, hoje em dia, praticamente todos os textos são produzidos utilizando computadores, porque os arquivos podem ser armazenados em formato computacional. Os programas de computador podem escanear os textos desses arquivos em busca de informações específicas. Mas a informação dada em configuração linguística, ou seja, por meio de palavras, sempre apresenta os mesmos problemas de interpretação das palavras: ambiguidade e não-composicionalidade (GROSS, 1986).

Com todos os avanços da Linguística Computacional e do PLN, houve o aperfeiçoamento de diversas técnicas para o tratamento de linguagem natural por meio de máquinas. Todavia, o computador não possui conhecimento nem habilidade linguística para efetuar esse trabalho. Para que isso aconteça, são necessários sistemas de tratamento linguístico que permitam o processamento de textos. O tratamento de um texto ocorre em etapas, iniciando-se pela análise lexical, conforme defende RANCHHOD, 2001:

Assim, a primeira fase de tratamento de um texto passa inevitavelmente pela sua análise lexical. Esta consiste grosseiramente em: (i) identificar as unidades lexicais do texto; (ii) descrever cada uma delas através de informações linguísticas formalizadas, à cabeça das quais se encontram as de natureza morfológica e categorial; (iii) resolver o maior número possível de ambiguidades lexicais provocadas pela homografia...

Mesmo depois de efetuar todas essas etapas citadas acima, muitas vezes, o computador não é capaz de descrever todo o texto a processar. Isso ocorre devido a algumas particularidades que dificultam a identificação da interpretação adequada de palavras pelas máquinas. Um fator que dificulta a leitura feita pelo computador é a **ambiguidade lexical**. Segundo Dubois et al. (1978, p. 45), ambiguidade é a propriedade de certas frases que apresentam vários sentidos.

Isso ocorre porque as palavras de uma língua podem apresentar sentidos diversos a partir de uma mesma grafia, e é papel do linguista descrever todas as possibilidades de leitura das palavras para que o computador as processe corretamente em qualquer contexto em que elas possam estar inseridas. Isso pode ser identificado no uso do verbo *pegar*. Podemos citar alguns exemplos:

(1) *A polícia pegou a criança abandonada.*

(2) *A mãe pegou a criança no colo.*

(3) *O carro pegou a criança que atravessava a rua.*

Nesses exemplos, pode-se notar que a utilização de um mesmo verbo em três casos diferentes cria uma ambiguidade. Em (1), o verbo *pegar* tem sentido de “prender”. Em (2), o mesmo verbo assume o sentido de “segurar nos braços”. E em (3), o verbo passa a ser entendido como “atropelar”.

A diferença de sentido se dá com a modificação dos argumentos atrelados ao verbo. Percebe-se que a modificação do sujeito é determinante na construção de um significado para ele.

Porém, a ambiguidade gerada pelo verbo não ocorre quando modificamos apenas o sujeito. A modificação dos objetos também pode ocasionar tal problema, como nos exemplos a seguir:

(4) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

(5) *Maria pegou um ódio mortal de João depois que foi traída.*

(6) *Maria pegou gosto pelos estudos.*

Nos exemplos acima, mantendo-se o mesmo sujeito para os três casos, o verbo *pegar* também assume sentidos diferentes em cada oração. Em (4), temos o sentido de segurar nas mãos. Em

(5), o sentido passa a ser *adquirir raiva*. E em (6), o verbo passa a ter o sentido de *adquirir o gosto por algo*. O que prova que os argumentos ligados ao verbo podem mudar o seu sentido.

Além da ambiguidade, outro fenômeno linguístico que pode gerar dúvidas para o PLN é a utilização de expressões fixas. Uma expressão fixa é uma sequência não-composicional, ou seja, o sentido da expressão não pode ser deduzido pelo sentido das palavras isoladas, mas, sim, pela análise da sequência como um todo. Sendo a fixidez uma característica universal das línguas naturais (GROSS, 1988), as expressões fixas são utilizadas para formar diversas palavras da Língua Portuguesa.

Em Smarsaro (2004, p.78), encontramos a diferença entre uma sequência não-composicional e uma sequência composicional:

A noção de composicionalidade tem a ver com a possibilidade de DEDUZIR o significado de uma sequência a partir dos significados dos componentes. Deduzir quer dizer calcular por um processo que pode ser formalizado. No caso da composicionalidade das sequências linguísticas, trata-se de um processo que pode ser associado a uma construção sintática e aplicado a exemplos variados.

Nas frases abaixo, temos exemplos com o verbo *pegar*, os quais causariam problemas em uma tradução automática, caso as palavras que compõem essas frases fossem interpretadas separadamente, pois são sequências de palavras de natureza fixa, portanto, expressões fixas.

(7) *Maria pega no pé dos filhos.*

(8) *Maria pegou o boi quando ganhou o ingresso do cinema.*

(9) *Maria pegou um cinema com o namorado ontem?*

Em (8), o sentido da frase indica que Maria obteve uma vantagem ao ganhar um ingresso do cinema, como em *Maria teve a sorte de ganhar um ingresso do cinema*.

As frases de (7) a (9) são apenas um recorte dos inúmeros exemplos encontrados na língua, os quais comprometem a qualidade das traduções feitas por máquinas se a noção de não-composicionalidade não for considerada. Uma forma de solucionar esse problema é inserir numa base de dados em formato de dicionário eletrônico todas as informações linguísticas descritas para que a escolha dos significados seja coerente em cada contexto. A inserção

desses dados só é possível a partir de um trabalho minucioso feito pelos linguistas: a descrição.

A descrição de uma língua é a parte de grande importância para a Linguística Computacional, porque é por meio desse processo que a máquina poderá reconhecer as palavras de uma língua e efetuar o tratamento de seu léxico. Quando a descrição não é detalhada, o computador pode não reconhecer ou não identificar corretamente uma palavra e, por exemplo, não efetuar a análise sintática da frase ou da sequência em que tal palavra se encontra.

Observa-se, portanto, que a descrição sem a formalização não é suficiente para determinar sentidos diversos para situações de falas distintas. Para que o computador possa atuar, a formalização torna-se essencial para a leitura dos dados, pois

não se pode esquecer que a linguagem em computação é altamente formalizada, temos que dar fórmulas para explicar os fatos da língua se a queremos inserir num ambiente computacional. Para isso, antes, é preciso reconhecer as generalizações, regularidades e irregularidades de um reconhecimento linguístico. Só podemos incluir num sistema computacional informações objetivas, ou seja, regras formalizadas. Em outras palavras, o computador só pode lidar com conteúdos formalizados, com informações precisas, através de regras bem explícitas, pois qualquer nível de ambiguidade dificulta o funcionamento de qualquer programa que utilize uma linguagem natural. Assim sendo, a linguagem deve ser o mais determinística possível, caracterizando todos os símbolos linguísticos através de seus traços sintáticos, morfológicos, semânticos e pragmáticos (SMARSARO, 2000, p. 81).

Logo, a descrição formalizada das propriedades das palavras permite avanços científicos que beneficiam, de forma direta, os usuários de uma língua, que cada vez mais utilizam máquinas para diversas funções de comunicação.

Ao analisarmos diferentes gramáticas da língua portuguesa, percebemos claramente que o verbo é uma temática vastamente abordada por diferentes gramáticos e estudiosos da área da linguagem. Porém, o usuário da língua produz estruturas diversificadas que não possuem explicação ou classificação adequada, de acordo com a gramática tradicional da língua.

Desse modo, torna-se necessário um estudo mais aprofundado que permita criar classificações mais adequadas e coerentes dos verbos e das expressões constituídas com verbos.

Logo, devido à grande utilização do verbo *pegar* e à diversidade de significação desse verbo na língua portuguesa, faz-se necessário uma pesquisa mais eficiente que permita avaliar a

classificação do verbo em questão em suas possibilidades de uso como verbo pleno, verbo suporte ou como componente de expressões fixas.

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta dissertação é analisar o uso do verbo *pegar* em diferentes contextos e descrever as diferentes relações de sentido que se estabelecem na relação com outros argumentos, para classificação de sua realização como verbo pleno, verbo suporte ou componente de expressão fixa. Esse estudo pode facilitar a identificação ou o reconhecimento de padrões que possam ser representados como recursos linguísticos para processamento automático de linguagem natural na forma de dicionário eletrônico.

2.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar as estruturas do verbo *pegar* delimitando os sentidos que o verbo adquire em diferentes contextos de uso, levando em conta o julgamento de aceitabilidade dos falantes nativos da língua e a natureza dos argumentos do verbo, quer diretos, quer preposicionados. Com isso, pretende-se descrever as características das estruturas formadas com esse verbo, estabelecendo entradas lexicais em função dos sentidos.
- Classificar o verbo *pegar* em suas utilizações como verbo pleno, verbo suporte ou formador de expressões fixas e definir os critérios de identificação dessas formas.
- Evidenciar possíveis ambiguidades semânticas encontradas nas estruturas selecionadas para minimizar os erros em traduções automáticas realizadas em ambientes computacionais. Essas ambiguidades ocorrem com frequência em exemplos de expressões fixas, e conhecer o significado das expressões fixas de uma língua é importante para os usuários, porque, sem conhecer o sentido da expressão, um falante nem sempre poderia deduzi-lo a partir de conhecimentos prévios sobre a gramática da língua, o que é uma propriedade fundamental.

Com essa descrição, pretende-se criar uma classificação de estruturas formadas com o verbo *pegar*, a fim de formalizá-las para que, posteriormente, recebam o tratamento adequado para a utilização em ambientes computacionais.

3. PRESSUPOSTO TEÓRICO

A presente pesquisa apresenta como proposta a análise do verbo *pegar* em diferentes contextos e tem por objetivo descrever as diferentes relações de sentido que se estabelecem na relação desse verbo com outros argumentos, para sua classificação como verbo pleno, verbo suporte ou componente de expressão fixa.

Para que tal objetivo seja alcançado, pretende-se identificar critérios, e aplicá-los à luz da teoria do Léxico-Gramática, proposta por Gross (1975). Os princípios teórico-metodológicos da teoria utilizada fornecem parâmetros para que se proceda a análise das estruturas linguísticas por meio de critérios, permitindo assim uma descrição rigorosa das ocorrências observadas com o verbo *pegar*, produzidas por falantes nativos da Língua Portuguesa.

Dessa forma, elege-se os princípios teóricos-metodológicos de Gross (1975) como o alicerce principal que sustenta e norteia a presente pesquisa e embasa os testes que serão apresentados para analisar o verbo *pegar* e poder classificá-lo como verbo pleno, verbo suporte ou componente de expressão fixa.

Um dos motivos que nos levou a escolher a Teoria do Léxico-Gramática como base para o presente estudo foi a possibilidade de utilizar um corpus construído a partir de frases simples utilizadas por falantes nativos da Língua Portuguesa. Tal utilização é amparada e aceita por Gross (1975), pois defende que o falante possui autonomia linguística para julgar as frases utilizadas como exemplos do verbo *pegar* quanto à aceitabilidade ou não. Ou seja, para a Teoria, um falante nativo pode julgar uma frase utilizada por ele ou outro falante como aceitável ou não aceitável a partir de seus conhecimentos linguísticos adquiridos ao utilizar a língua.

A importância em julgar uma frase do *corpus* como aceitável ou não aceitável será demonstrada ao aplicarmos os critérios de classificação do verbo, como no critério da relativização para classificação do verbo *pegar* em verbo suporte, por exemplo.

Além da possibilidade de criação de um *corpus*, outro motivo que nos incentivou a utilizar como base o Léxico-Gramática, foi a necessidade de comprovar padrões de regularidade na utilização do verbo *pegar* na Língua Portuguesa. Tal comprovação seria possível utilizando a Teoria proposta por Gross (1975) conforme explica Rodrigues (2009)

A respectiva teoria foi elaborada por Gross (1975) e tem como objetivo a investigação de padrões de regularidade de fenômenos e estruturas linguísticas por meio de descrição e formalização dessas informações para a implementação em ambientes computacionais desenvolvidos a partir de pesquisas em **Processamento de Linguagem Natural**. (Rodrigues, 2009. p.82)

Dessa forma, determinar padrões de regularidade está entre as exigências previstas nas análises baseadas na teoria escolhida. Mas, além disso, é necessário aplicar os padrões reconhecidos na utilização do verbo *pegar* criando uma estrutura formalizada para as frases analisadas.

Todas as frases utilizadas no *corpus* desta pesquisa, que formam os resultados da descrição feita, foram formalizadas, a fim de que possam ser futuramente utilizadas em ambiente computacional. Porém, tal utilização apenas será possível com o trabalho de um informata, aprimorando os dados recolhidos com a descrição do verbo e a formalização dos mesmos.

A Teoria do Léxico-Gramática prevê a importância da formalização das sentenças analisadas, conforme observa-se em Laporte (2008)

O léxico-gramática coloca igualmente uma exigência de formalização. Os resultados da descrição devem ser suficientemente formais para permitir: – uma verificação pela confrontação com a realidade de uso; – uma aplicação ao tratamento automático das línguas.

Essa obrigação pela formalização manifesta-se pela adoção de um modelo discretizado da sintaxe. Assim, a aceitabilidade é modalizada por uma noção binária: para as necessidades da descrição, uma frase é considerada como aceitável ou não. (LAPORTE, 2008: 32).

Portanto, a Teoria do Léxico-Gramática tem como base um *corpus* e, como método de identificação de propriedades estruturais dos itens lexicais desse *corpus*, a aplicação de critérios linguísticos.

A Teoria escolhida ainda apresenta princípios teórico-metodológicos que embasam a utilização de critérios sintáticos formais para a classificação do verbo *pegar* nas três

categorias que se pretende avaliar – verbo pleno, verbo suporte ou componente de expressão fixa. E também prevê a formalização dos resultados obtidos com a descrição do verbo analisado.

Logo, o Léxico-Gramática apresenta todas as especificidades consideradas primordiais para a realização da pesquisa apresentada, e, por esses motivos, foi escolhida como norteadora da presente pesquisa.

4. REVISÃO DE LITERATURA

O verbo é analisado e classificado de diferentes maneiras por autores que estudam a língua, baseados em diversas correntes de pensamento.

Para a gramática tradicional, o verbo é uma palavra variável que exprime um acontecimento representado no texto. Cunha e Cintra (2008) afirmam que o verbo individualiza-se pela função obrigatória de predicado desempenhada na estrutura oracional. Afirmam ainda que o verbo apresenta flexões de número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz; formas nominais; regência e concordância; conjugações regulares e irregulares.

Segundo Perini (2004), verbos são palavras que pertencem a um lexema, cujos membros se opõem quanto ao número, pessoa e tempo e possuem comportamento sintático homogêneo, pois se flexionam da mesma maneira e desempenham a mesma função sintática. O autor afirma que as definições de verbo apresentadas pelas gramáticas são vagas e deixam muito a desejar, podendo gerar dúvidas aos leitores e que os traços morfossintáticos dos verbos facilitam sua identificação e defende ainda que a noção corrente de verbo é formal e não semântica. Efetivamente, há palavras, como *corrida*, *conserto*, *vingança* e *confeção*, que indicam ação, mas não podem ser classificadas como verbo.

O mesmo ocorre com o conceito de verbo de Said Ali (1923, p. 68):

VERBO é a palavra que denota ação ou estado e possui terminações variáveis com que se distingue a pessoa do discurso e o respectivo número (singular ou plural), o tempo (atual, vindouro, ou passado) e o modo da ação ou estado (real, possível, etc.).

Rocha Lima (1992) utiliza o critério semântico para a definição de verbo ao classificá-lo como palavra que expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres. Acrescenta que é a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Porém, não apresenta exemplos para fundamentar essa explicação, deixando sua explicação vaga e confusa. O autor apenas acrescenta que o papel dos acidentes gramaticais é fazer com que o verbo revele cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz.

De acordo com Perini (2010), o verbo é a chave para a sintaxe do português, pois, quando conhecido o verbo de uma oração, bem como seus complementos e significados, pode-se determinar grande parte da estrutura das orações em que ele é protagonista.

Apesar do grande número de autores que apresentam definições de verbo em diferentes gramáticas, é notável a necessidade de um estudo minucioso sobre o tema, pois a maioria das gramáticas tradicionais sequer menciona classificações diferentes para determinados verbos, como verbos suporte, verbos plenos e verbos que compõem expressões fixas.

Segundo Borba (1996), os verbos plenos são aqueles que semanticamente têm significação lexical e sintaticamente ocupam o núcleo do predicado num sintagma verbal. Duarte (2003) define os verbos plenos a partir de um aspecto semântico, classificando-os como núcleos semânticos da oração. Nessa perspectiva, a autora afirma que

constituem núcleos lexicais plenos, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica (números de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assume na oração).

A definição de verbo suporte, que não é abordada na maioria das gramáticas tradicionais, é estudada por linguistas que consideram como verbos suporte aqueles que não constituem sozinhos o núcleo do predicado, uma vez que o verbo suporte vem seguido de um nome ou um sintagma nominal e passa a depender desse argumento que o acompanha para ter sentido completo (GROSS e VIVÈS, 1986; GIRY-SCHNEIDER, 1986 *apud* NEVES, 2002; 2006).

Outra definição que não é abordada nas gramáticas tradicionais é a de *expressões fixas*. A definição de expressão fixa consiste no fato de que o seu significado global não pode ser calculado a partir do significado de seus componentes (GROSS, 1982). Especificamente,

“pode ser até que o significado da expressão não recupere em nada o significado original dos termos que a compõem” (SCHER, 2004).

Segundo Vale (2001 p. 18), uma expressão fixa é uma expressão formada por mais de um segmento e cujo significado total não pode ser deduzido pelo significado isolado das partes que a compõem. Ou seja, a expressão fixa é um bloco de palavras que possui sentido apenas com o entendimento desse bloco como um todo, e não de suas palavras isoladamente.

Já para Gross (1986), quando uma expressão é classificada como fixa, diz-se que a sequência é uma sequência composta e é não composicional, pois, por definição, uma palavra composta é não composicional.

Uma sequência de palavras é composicional quando há a possibilidade de seus elementos serem substituídos por outros do mesmo campo semântico formando novas sequências existentes na língua, o que não ocorre nas expressões fixas.

Por exemplo, na sequência *bolsa de couro*, as palavras formadoras podem ser substituídas por outras, como *bolsa de plástico*, *bolsa de papel*, *bolsa de pano*, entre outros, sem desfazer o sentido da sequência, pois bolsa de plástico, papel ou pano continuam sendo um tipo de bolsa. Essa possibilidade não se mantém nas expressões fixas, como em *pegar no pé*, que não permite substituições como **pegar na mão*, **pegar no braço*, **pegar na perna*, pois modificam o sentido da expressão.

De acordo com Smarsaro (2004, p. 78), para que uma sequência seja composicional deve haver transparência semântica e também produtividade. Caso as palavras que formam as expressões não possam ser substituídas por outras do mesmo campo semântico, ocorre um caso de não-composicionalidade, ou seja, a sequência é classificada como não-composicional.

Dessa forma, uma expressão fixa é uma sequência não-composicional, pois não há transparência semântica, nem produtividade entre as partes que a compõem. Logo, a sequência não possui transparência semântica e não é uma expressão fixa, conforme explica Smarsaro (2004, p. 78):

Pode-se entender transparência como a maior proximidade do cálculo do significado total da expressão por seus componentes, enquanto que a opacidade seria a total impossibilidade desse cálculo, Vale (2001, p. 72).

Para exemplificar a noção de transparência semântica, podemos considerar as expressões *bolsa de couro* e *lua de mel*. Na primeira, podemos considerar o significado isolado das palavras *bolsa* e *couro* e chegaremos ao entendimento de que trata-se de uma bolsa feita de couro. Porém, na segunda expressão, ao analisarmos isoladamente *lua* e *mel* não há manutenção do sentido de *lua-de-mel*. Logo, no primeiro exemplo, há transparência semântica e, no segundo, não há. O mesmo ocorre entre *pegar uma bolsa*, transparente, e *pegar o boi* “se dar bem”, opaca.

Sobre as construções com verbo suporte, tem-se a definição apresentada por Neves (2000), Segundo a autora, as construções com verbo suporte são compostas de um verbo com determinada natureza semântica básica que funciona como instrumento morfológico e sintático na formação do predicado e um sintagma nominal que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação.

Portanto, a partir de todos os estudos sobre diferentes definições de verbo de diversos autores, percebe-se que o estudo do verbo em língua portuguesa, embora seja uma temática bastante abordada por muitos linguistas e estudiosos da área descritivo-sistemática da linguagem, as gramáticas não trazem definições pertinentes, suficientes e satisfatórias para a classe dos verbos, o que prova a necessidade de um estudo mais aprofundado de tal classe.

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa apresentará um estudo do verbo *pegar* em diferentes situações de uso da Língua Portuguesa, apresentando os diferentes sentidos que esse verbo pode assumir, dependendo do contexto em que estiver inserido.

Esse estudo será feito sob orientação do método do Léxico-Gramática (Gross, 1975) com a análise e descrição das propriedades sintático-semânticas do verbo *pegar*, utilizando-se critérios sintáticos formais para descrever os diferentes sentidos do verbo. A partir do resultado dessa análise, será possível classificar o verbo *pegar* como verbo pleno, verbo suporte ou elemento de expressão fixa. A seguir, representaremos as propriedades de cada exemplo por meio de fórmulas sintáticas.

5.1 COLETA DO *CORPUS*

Para criarmos um *corpus* para esta pesquisa, primeiramente, buscamos os sentidos do verbo em um dicionário. Porém, a escassez de sentidos apresentados nos dicionários nos obrigou a buscar outros métodos de recolher exemplos para formar uma lista que representasse de forma mais fiel o uso da Língua Portuguesa.

Depois da busca nos dicionários, pensou-se em formar o *corpus* a partir de exemplos retirados da internet. A quantidade de utilizações do verbo *pegar* certamente foi maior, contudo, os exemplos estavam, em sua maioria, em frases complexas, que, muitas vezes, exigiam uma análise de todo o contexto para entender-se o sentido do verbo *pegar*.

Assim, depois de todas as dificuldades encontradas para formar um *corpus*, decidiu-se respaldar esta pesquisa na Teoria do Léxico-Gramática (Gross, 1975) que, conforme já foi citado anteriormente, nos ampara na produção de variantes das frases encontradas, aplicando modificações com base em conhecimentos gramaticais teóricos, para permitir uma análise mais eficiente dos limites da variação sintática.

Dessa forma, o que se chama de *corpus* nesta pesquisa não equivale a um *corpus* previsto pela *Linguística de Corpus*, em que todos os exemplos utilizados são retirados de fontes citadas pelo pesquisador, sem nenhuma modificação. O que doravante chamaremos de *corpus* corresponde a uma lista de exemplos formados com o verbo *pegar* utilizado em frases elementares, como prevê a teoria do Léxico-Gramática que ampara esta pesquisa. Portanto, o *corpus* desta pesquisa está composto de 64 estruturas formadas com o verbo *pegar*. Tais estruturas são exemplos retirados de nossa experiência de falante, ou da web, e adaptados para ficarem simples, porém ainda aceitáveis. Parte dos exemplos utilizados foi construído por falantes nativos da Língua Portuguesa. A Teoria do Léxico Gramática (Gross, 1975) afirma que o falante tem conhecimento e autonomia para julgar a aceitabilidade de uma sentença e produzir sentenças aceitáveis do ponto de vista sintático-semântico da língua.

5.2 APRESENTAÇÃO DOS CRITÉRIOS

É preciso determinar critérios formais que permitam afirmar e comprovar as propriedades do verbo *pegar* e os seus diferentes sentidos para se proceder a uma das classificações. Esses critérios consistem na aplicação de testes formais para identificar e classificar o uso do verbo em cada exemplo como verbo pleno, verbo suporte ou verbo que faz parte de uma expressão fixa.

5.2.1 CRITÉRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE CONSTRUÇÃO COM VERBO SUPORTE

O primeiro critério a ser aplicado será o critério da relativização, que consiste em criar uma oração relativa a partir de uma oração principal e tentar retirar o verbo dessa oração relativa. Se o verbo em questão puder ser retirado sem causar prejuízo semântico à primeira oração, a matriz, pode-se afirmar que o verbo é um verbo suporte. Porém, se, ao retirar o verbo, o sentido da matriz for modificado, o verbo não pode ser classificado como verbo suporte.

Aplicando o teste, temos:

(10) *Maria pegou uma gripe.*

(10.1) *A gripe que Maria pegou era muito forte.*

(10.2) *A gripe de Maria era muito forte.*

Em (10.1), criou-se uma oração relativa a partir da matriz (10); em (10.2), retirou-se o verbo *pegar*, o que não causou prejuízo semântico à primeira, pois o resultado é uma frase aceitável do ponto de vista sintático-semântico. Portanto, um caso de verbo suporte.

5.2.2 CRITÉRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE EXPRESSÃO FIXA

O segundo critério será o bloqueio distribucional. O bloqueio distribucional é um eficiente critério para identificar expressões fixas. Esse bloqueio distribucional ocorre quando qualquer elemento da sequência que forma a expressão fixa analisada não pode ser facilmente substituído por outros de distribuição natural.

Na aplicação desse critério, deve-se tentar substituir tanto o verbo formador da expressão fixa quanto seus complementos. Para tentar fazer essa distribuição natural, são escolhidas palavras do mesmo campo semântico do verbo ou de seus complementos.

Para exemplificar o bloqueio distribucional que ocorre com as expressões fixas, vamos, primeiramente, substituir o complemento do verbo *pegar* e manter o mesmo verbo na expressão *pegar no ar*:

(11) *O filho pegou no ar o assunto da conversa dos pais.*

(11.1) **O filho pegou no vento o assunto da conversa dos pais.*

(11.2) **O filho pegou na brisa o assunto da conversa dos pais.*

(11.3) **O filho pegou no sopro o assunto da conversa dos pais.*

Ao substituírmos o complemento *no ar* por outros do mesmo campo semântico, criamos orações inaceitáveis, pois não há a manutenção do sentido estabelecido na oração (11).

Como não foi possível substituir o complemento acima, pode-se afirmar que há uma fixidez parcial na expressão *pegar no ar*. Porém, podemos ainda verificar se a mesma fixidez ocorre com a outra palavra formadora da expressão: o verbo.

Para isso, podemos aplicar o mesmo critério, substituindo o verbo *pegar* por outros do mesmo campo semântico:

(11.4) **O filho agarrou no ar o assunto da conversa dos pais.*

(11.5) **O filho segurou no ar o assunto da conversa dos pais.*

(11.6) **O filho tomou no ar o assunto da conversa dos pais.*

Substituindo o verbo por outros, também se obtém frases inaceitáveis para a manutenção do sentido da frase matriz, logo, a expressão *pegar no ar*, aplicado o critério do bloqueio distribucional é uma expressão fixa, pois não há produtividade entre seus elementos.

Quando esse critério é aplicado em uma expressão que não é fixa, o bloqueio distribucional não existe, ou seja, há liberdade distribucional, pois, em outros casos, os elementos formadores são produtivos, ou seja, permitem que sejam substituídos por outros.

Podemos citar como exemplos as sequências formadas com verbos plenos. No caso do verbo *pegar*, na sequência *pegar o livro*, não temos mais um exemplo de expressão fixa e sim de verbo pleno, e os elementos podem ser substituídos por outros do mesmo campo semântico. Como no exemplo a seguir:

(12) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

(12.1) *Maria pegou o caderno sobre a mesa.*

(12.2) *Maria pegou a apostila sobre a mesa.*

(12.3) *Maria pegou o material sobre a mesa.*

Além de permitir a substituição do complemento, o verbo pleno também pode ser substituído por outros do mesmo campo semântico. Como a seguir:

(12.4) *Maria segurou o livro sobre a mesa.*

(12.5) *Maria agarrou o livro sobre a mesa.*

(12.6) *Maria tomou o livro sobre a mesa.*

Para o verbo pleno, nenhum bloqueio é observado, ou seja, é possível substituir tanto o verbo quanto o complemento por palavras do mesmo campo semântico sem prejudicar semanticamente a frase. Logo, se não há bloqueio distribucional, a sequência analisada não pode ser considerada uma expressão fixa.

5.3 FORMALIZAÇÃO

Após a aplicação dos critérios de classificação do verbo, há também uma etapa prevista pela Teoria do Léxico-Gramática que representa extrema importância para o Processamento de Linguagem Natural: a formalização.

A formalização é a representação das frases que exemplificam os diferentes sentidos do verbo por meio de fórmulas sintáticas. É através dessas diferenças de sentido que se podem determinar as fórmulas sintáticas que o verbo estudado pode assumir em cada frase.

Símbolos gerais

O processo da formalização também é de fundamental importância para os informatas, pois é por meio desse processo que eles podem utilizar a descrição linguística em ambientes computacionais.

Para a formalização do verbo *pegar*, criamos fórmulas sintáticas para cada frase elementar utilizada para representar os diferentes sentidos que o verbo assumiu. Os símbolos que foram utilizados serão representados e explicados a seguir.

Todas as frases analisadas possuem um sujeito, representado na formalização por N_0 . Esse sujeito, além dessa representação, deve ser classificado como *Nhum*, *Nconc* ou *Nabs*.

O *Nhum*, abreviação de nome humano, representa todos os substantivos com características humanas, incluindo também alguns animais, que também possuem essas características exigidas para essa classificação.

Para exemplificar essa classificação, podemos citar:

(13) *A mãe pegou a criança no colo.*

(13.1) N_0 pegar N_1

(13.2) *Nhum* pegar *Nhum*

No *corpus* desta pesquisa, utilizamos *Nhum* e não *Nanimado* porque a segunda classificação inclui implicitamente todos os animais, enquanto que, com muitos verbos, só uma seleção de animais se comportam como substantivos humanos.

Caso utilizássemos a classificação *Nanimado*, teríamos que aceitar frases como o exemplo a seguir:

(13.3) *A ursa pegou o filhote no colo.*

(13.4) **O verme pegou o filhote no colo.*

Em (13.4), temos um caso de *Nanimado* que não forma uma frase aceitável para o sentido desejado, o que justifica a escolha da classificação *Nhum* ao invés de *Nanimado*.

O sujeito da frase representada em (13) é *a mãe*. Ele foi representado por N_0 por representar um sujeito humano, como foi explicado anteriormente. Porém, nem sempre o sujeito da frase representa um *N humano*, o que exige a utilização de outra simbologia como veremos a seguir.

(14) *Meu carro pegou no tranco.*

(14.1) N_0 pegar no tranco.

(14.2) *Nconc* pegar no tranco.

No exemplo acima, o sujeito N_0 não representa um sujeito humano, pois é um objeto. Desse modo, foi classificado como *Nconc*, nomenclatura utilizada para representar um sujeito concreto.

Além desses dois tipos de sujeitos, podemos utilizar ainda um outro tipo, que recebe a classificação de *Nabs*, como no exemplo (15):

(15) *Essa moda pega.*

(15.1) *N₀ pegar.*

(15.2) *Nabs pegar.*

O exemplo (15) possui um sujeito que não se encaixa nem na primeira descrição de *Nhum*, por não representar um substantivo humano, nem na descrição *Nconc*, por não representar um nome concreto. O substantivo *moda*, portanto, é classificado como *Nabs*, ou seja, nome abstrato.

Todos os nomes que fazem papel de sujeito das frases, o *N₀*, podem ser representados por um dos símbolos apresentados acima. Todavia, existem casos em que o sujeito, apesar possuir características humanas, concretas, ou abstratas, também possui características específicas, como é o caso das plantas, que, apesar da característica concreta, possui a especificidade de ser planta, o que exige que uma nova nomenclatura seja elaborada para representar com maior precisão o nome em questão. É o que ocorre no exemplo a seguir:

(16) *A muda de rosa pegou no meu jardim.*

(16.1) *N₀ pegar em N₁*

(16.2) *Nplanta pegar em N₁*

O sujeito *a muda de rosa* é um *Nconc*, porém ela ficaria melhor representada se criássemos uma nomenclatura que descrevesse melhor sua categoria, por isso foi classificada como *Nplanta*.

Isso porque, se optássemos por utilizar *Nconc*, como em outros exemplos, poderia dar ao leitor o entendimento de que qualquer substantivo que represente nomes concretos poderia ser usado nessa fórmula, o que geraria utilizações inadequadas.

Além do *N₀*, algumas frases também possuem *N₁*, que corresponde ao objeto do verbo *pegar*. Esse objeto também é representado e classificado por *Nhum*, *Nconc* ou *Nabs*, dependendo de suas características.

Para exemplificar, temos:

(17) *Maria pegou seu marido no flagra.*

(17.1) N_0 pegar N_1 no flagra

(17.2) *Nhum* pegar *Nhum* no flagra

O objeto direto do verbo *pegar*, na frase acima, é *seu marido*, que foi representado na fórmula sintática por N_1 , e esse, por sua vez, foi classificado como *Nhum*, porque representa um ser com características humanas.

Quando o sujeito ou o objeto da frase, ou seja, o N_0 e o N_1 respectivamente, podem ser representados com mais de uma classificação, deve-se indicar isso na fórmula sintática, como em (18):

(18) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

(18.1) N_0 pegar N_1 loc N_2

(18.2) *Nhum* pegar *Nhum/Nconc* loc *Nconc*

Na fórmula acima, temos dois complementos, o N_1 , que é o objeto direto do verbo, e o N_2 , que é um segundo complemento da frase. O objeto direto do verbo *pegar* recebeu duas possibilidades de ocorrência. Isso porque, respeitando a mesma frase matriz, poderíamos criar frases com objetos diretos tanto com características humanas, quanto com características concretas.

Dessa forma, fica claro que as fórmulas sintáticas não representam apenas as frases destinadas a elas, mas todas as possibilidades de frases que podem ser criadas a partir dessa fórmula, respeitando-se as características delimitadas por *Nhum*, *Nconc* ou *Nabs*.

Isso significa que, em uma frase em que o sujeito N_0 recebeu a classificação de *Nhum*, como em (18), não é possível criar uma frase aceitável com um *Nconc* ou um *Nabs*, como fica evidente nos exemplos a seguir:

(18.3) **Meu carro pegou o livro sobre a mesa.*

(18.4) **A saudade pegou o livro sobre a mesa.*

Nos exemplos acima, substituímos o sujeito humano de (18) por sujeitos concretos e abstratos. Contudo, essa substituição criou frases inaceitáveis do ponto de vista semântico,

comprovando que a classificação utilizada na fórmula sintática dessa frase está coerente, ou seja, para essa frase, podemos utilizar apenas um sujeito com características humanas.

Além dos nomes representados por N_0 e N_1 , as fórmulas sintáticas também apresentam outros símbolos, como o *loc*, presente em algumas frases. Esse símbolo representa o *locativo*, que indica que a frase faz referência a um lugar. Para representar, podemos usar o mesmo exemplo citado anteriormente em (18):

(18) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

(18.1) N_0 pegar N_1 *loc* N_2

A fórmula sintática acima possui, como já foi explicado, um sujeito N_0 , um objeto direto N_1 e o *loc*, que representa o lugar que situa o N_1 , neste caso, o *loc* é *sobre a mesa*. Mas esse *loc* poderia ser substituído por qualquer outra sequência de palavras que represente um lugar, como *no armário, na biblioteca, na casa de um amigo*, entre outros.

Assim, nas fórmulas sintáticas que serão apresentadas posteriormente nesse trabalho, o símbolo *loc* representa qualquer preposição locativa.

Quando a frase a ser formalizada possui um determinante antes de qualquer um de seus elementos, ele também pode ser representado na fórmula sintática quando for relevante, como no próximo exemplo:

(19) *Maria pegou um cinema com o namorado ontem.*

(19.1) N_0 pegar *det* cinema

(19.2) *Nhum* pegar *det* cinema

O determinante da frase utilizada em (19) foi apresentado também na fórmula sintática formada em (19.2) como *det*.

No *corpus* desta pesquisa, há muitos exemplos de expressões fixas formadas a partir do verbo *pegar*. Essas expressões também são formalizadas, porém seria impossível criar um símbolo formal para cada uma dessas expressões, porque elas possuem características singulares. Logo, quando a frase a ser formalizada possui uma expressão fixa, a formalização é feita repetindo-se as palavras formadoras da expressão. Vejamos:

(20) *O filho pegou no ar o assunto da conversa dos pais.*

(20.1) N_0 pegar no ar N_I

(20.2) *Nhum* pegar no ar *Nabs*

A fórmula sintática criada para representar (20) possui o sujeito N_0 e o complemento N_I . Porém, a expressão fixa *pegar no ar* foi repetida. Isso porque não há uma formalização específica para cada expressão da língua. O mesmo ocorre com as outras expressões, como *pegar com a boca na botija*, *pegar no pé*, *pegar o boi*, e outras.

Em uma das frases que compõem o *corpus* desta pesquisa, há uma simbologia diferente para representar sua fórmula sintática, como a representada a seguir:

(21) *Meu gato pegou o vício de fazer sujeira no banheiro.*

(21.1) N_0 pegar vício de *V-inf* W

(21.2) *Nhum* pegar vício de *V-inf* W

A simbologia utilizada acima indica que a frase deve ser completada por uma oração com verbo no infinitivo, que, no exemplo acima, representa *fazer sujeira no banheiro*. Seguindo a fórmula sintática, poderíamos substituir essa oração por outra com essas mesmas características, como *sujar meus sapatos*, *dormir no sofá*, *comer insetos*, ou outra oração que possua um verbo no infinitivo.

Assim, com a explicação da simbologia que será utilizada posteriormente para a formalização do *corpus* desta pesquisa, será possível compreender, de forma mais clara, as fórmulas de cada uma das frases utilizadas.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A seguir, faremos a aplicação dos critérios mencionados anteriormente, utilizando as frases do *corpus* da presente pesquisa, a fim de demonstrar o que foi explicado. Para isso, citaremos exemplos em que os critérios dão resultado positivo e também contraexemplos, para ilustrar que podem também dar um resultado negativo.

6.1 RELATIVIZAÇÃO E CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE

O critério que será apresentado a seguir, como explicado anteriormente, é um eficiente método de classificação para verbos suporte.

Aplicando o mesmo critério em outro exemplo, temos:

João pegou uma mania irritante.

(22) *João pegou uma mania.*

(22.1) *A mania que João pegou era irritante.*

(22.2) *A mania de João era irritante.*

Mais uma vez, criou-se uma oração relativa em (22.1) a partir da matriz (22) e obteve-se, com a retirada do verbo suporte *pegar*, uma oração aceitável e, portanto, um exemplo de verbo suporte.

Porém, quando aplicamos o mesmo teste em orações que possuem verbos plenos, o resultado não é satisfatório, como no exemplo a seguir:

(3) *O carro pegou a criança atravessando a rua.*

(3.1) *A criança que o carro pegou atravessando a rua era pequena.*

(3.2) **A criança do carro atravessando a rua era pequena.*

No exemplo acima, aplicou-se o mesmo teste anterior, todavia, a oração formada após a retirada do verbo, em (3.2) é inaceitável para a manutenção do sentido da oração matriz expressa em (3), o que foi representado pelo asterisco antes da última oração. Dessa forma, na expressão *pegou a criança*, o verbo *pegar* não é classificado como verbo suporte, por não poder ser retirado da sentença sem causar prejuízo semântico.

No seguinte exemplo, a aplicação do critério da relativização foi mais complicada.

Maria pegou uma carona perigosa.

(23) *Maria pegou uma carona.*

(23.1) *A carona que Maria pegou era perigosa.*

(23.2) ? *A carona de Maria era perigosa.*

Para manutenção de sentido da matriz, não houve problema após a retirada do verbo, porém a oração formada em (23.2) gera uma ambiguidade: Maria estava dando ou recebendo carona? Uma forma de colocar em evidência a ambiguidade acima é acrescentando novos argumentos à oração, para orientar pragmaticamente rumo a uma interpretação ou a outra. Exemplo:

(23.2.1) *A carona de Maria era perigosa, porque ela não conhecia o motorista.*

(23.2.2) *A carona de Maria era perigosa porque seu carro era velho.*

Com os novos argumentos, não há dúvidas de que em (23.2.1) Maria está pegando carona, e o verbo *pegar*, neste caso, é um verbo suporte. Já em (23.2.2) era ela quem estava dando carona a alguém, o que não mantém a informação dada na frase matriz (23), caracterizando (23.2.2) como não relevante para avaliar (23).

Para representar a ambiguidade de (23.2), precisamos levar em conta a construção em *dar* ou *ter*:

(24) *Maria dá/tem uma carona para João.*

(25) *Maria dá/tem uma carona.*

(25.1) *A carona que Maria deu/teve era perigosa.*

(25.2) *A carona de Maria era perigosa.*

Podemos explicar a ambiguidade de (25.2) pelo relacionamento, de um lado, com (23.1), e do outro, com (25).

O critério dá um resultado positivo, ou seja, criou orações aceitáveis após a aplicação do critério, pois (24) e (25) são construções com verbo suporte.

Nesse exemplo, existem, de fato, dois argumentos, que são Maria e João em (24). É possível aparecerem os dois argumentos numa construção parecida com a de (23):

(26) *João pegou uma carona com Maria.*

Comparando (23) e (24), observamos que os argumentos são invertidos. Isso configura a transformação chamada *conversão*, já observada em francês (GROSS, 1989). Achamos alguns outros exemplos de conversão, que estudamos e listamos numa tabela (veja a seção 6).

Além da relativização, a princípio, imaginou-se que um outro critério seria eficiente na identificação de verbo suporte: a quantificação do complemento. Porém, esse critério não é eficiente como se imaginava no início da pesquisa, o que será melhor explicado com os exemplos a seguir.

Quando o verbo é classificado como verbo suporte, seria possível fazer uma quantificação do complemento desse verbo. Ou seja, esse critério seria eficiente para a identificação de verbo suporte. Como nos exemplos a seguir:

(27) *Maria pegou gosto pelos estudos.*

(27.1) *Maria pegou muito gosto pelos estudos.*

(27.2) *Maria pegou muitíssimo gosto pelos estudos.*

(27.3) *Maria pegou gosto demais pelos estudos.*

Como o verbo *pegar*, na sequência *pegar gosto*, permite a inserção dos quantificadores utilizados nos exemplos acima, poderíamos classificá-lo como verbo suporte. Vejamos a mesma aplicação utilizando outra sequência com *pegar* como verbo suporte:

(28) *Peguei nojo de olhar na cara de certas pessoas.*

(28.1) *Peguei muito nojo de olhar na cara de certas pessoas.*

(28.2) *Peguei muitíssimo nojo de olhar na cara de certas pessoas.*

(28.3) *Peguei nojo demais de olhar na cara de certas pessoas.*

Assim como no exemplo anterior, a sequência *pegar nojo* é formada por um verbo suporte. Mais uma vez, o verbo em questão permitiu a inserção de quantificadores, sem prejudicar a oração em que está inserido.

Algumas classificações que o verbo recebe não permitem a inserção desses elementos na expressão. É o caso dos verbos que formam expressões fixas. Quando o verbo que está sendo analisado forma uma expressão fixa, não permite a inserção desse elemento devido à fixidez da expressão testada com o critério do bloqueio distribucional. Vejamos a seguir:

(29) *O jogo pegou fogo depois do primeiro gol.*

(29.1) *?O jogo pegou muito fogo depois do primeiro gol.*

(29.2) ?*O jogo pegou muitíssimo fogo depois do primeiro gol.*

(29.3) ?*O jogo pegou enorme fogo depois do primeiro gol.*

Acrescentando os intensificadores depois do verbo da expressão fixa *pegar fogo*, formam-se frases duvidosas do ponto de vista semântico, pois não são utilizadas dessa forma pelos falantes da língua.

Além das frases formadas com verbo suporte, podemos aplicar o critério da quantificação do complemento em frases com verbo pleno, como vemos nos exemplos a seguir:

(30) *Maria pegou minha ideia para o trabalho.*

(30.1) **Maria pegou muito minha ideia para o trabalho.*

(30.2) **Maria pegou muitíssimo minha ideia para o trabalho.*

(30.3) **Maria pegou bastante minha ideia para o trabalho.*

A inserção dos quantificadores na sequência *pegar ideia* formou frases inaceitáveis para o objetivo de manter o sentido da frases matriz, logo, não é possível fazer tal inserção neste exemplo com verbo pleno.

Dessa forma, acreditava-se que o critério da quantificação do complemento era eficiente para identificação de estruturas com verbo suporte, pois o mesmo não ocorre quando esse critério é aplicado em expressões fixas e em construções com verbo pleno.

Porém, posteriormente, observou-se que os substantivos aplicados com verbo suporte, em geral, são abstratos e aceita quantificadores, por isso a aplicação do critério da quantificação do complemento não era eficiente com esse tipo de verbo.

Quando a aplicação ocorria com verbos plenos, observou-se que esses verbos eram formados a partir de nomes predicativos, que também são substantivos quantificáveis, ou seja, a aplicação do critério mostrava a liberdade distribucional do exemplo.

Além disso, outro fator foi primordial para descartarmos o bloqueio distribucional como critério de identificação de expressões fixas: percebeu-se que ele existe em frases que possuem verbo *pegar* funcionando como verbo pleno, como no exemplo a seguir:

(31) *Maria pegou a ideia de João para o trabalho.*

Aplicando o mesmo critério do bloqueio, temos:

(31.1) **Maria pegou muito a ideia de João para o trabalho.*

(31.2) *Maria pegou muitas ideias de João para o trabalho.*

(31.3) *Maria pegou bastante ideias de João para o trabalho.*

Nos exemplos acima, fica comprovado, portanto, que a quantificação do complemento não pode ser indicado como um critério de classificação de verbo, pois, como foi demonstrado, seus resultados não são tão eficientes quanto se esperava.

6.2 BLOQUEIO DISTRIBUCIONAL E EXPRESSÕES FIXAS

Outras expressões fixas também podem passar pelo mesmo critério do bloqueio distribucional explicado anteriormente, obtendo o mesmo resultado, como a expressão *pegar o boi*:

(32) *Maria pegou o boi quando ganhou os ingressos do cinema.*

(32.1) **Maria pegou o bezerro quando ganhou os ingressos do cinema.*

(32.2) **Maria pegou o touro quando ganhou os ingressos do cinema.*

(32.3) **Maria pegou a vaca quando ganhou os ingressos do cinema.*

Substituindo o verbo, temos:

(32.4) **Maria segurou o boi quando ganhou os ingressos do cinema.*

(32.5) **Maria agarrou o boi quando ganhou os ingressos do cinema.*

(32.6) **Maria prendeu o boi quando ganhou os ingressos do cinema.*

Assim como no exemplo anterior, na expressão *pegar o boi* não há produtividade entre seus elementos formadores, dessa forma, trata-se de uma expressão fixa.

Observando outros exemplos, em (33), substituindo o complemento do verbo, assim como nos exemplos anteriores, o bloqueio distribucional não ocorre, ou seja, a sequência é produtiva, pois não há prejuízo semântico para a oração.

(33) *João pegou um atalho perigoso.*

(33.1) *João pegou um caminho perigoso.*

(33.2) *João pegou uma estrada perigosa.*

(33.3) *João pegou uma trilha perigosa.*

Substituindo o verbo, temos:

(33.4) *João tomou um atalho perigoso.*

(33.5) *João seguiu um atalho perigoso.*

(33.6) *João escolheu um atalho perigoso.*

Mais uma vez, fica comprovado que o bloqueio distribucional não ocorre quando utilizamos sequências que não são expressões fixas, pois essa sequência permite a substituição das palavras que a formam, ou seja, há liberdade distribucional.

Logo, com todos esses exemplos apresentados, é possível afirmar que o critério do bloqueio distribucional é eficiente para identificar expressões fixas formadas a partir de verbos ou não. Isso porque, por meio dos exemplos, pôde-se perceber que o bloqueio não existe, ou seja, há liberdade distribucional, quando utilizamos outras sequências que não sejam expressões fixas.

6.3 PROPRIEDADES DOS NOMES PREDICATIVOS

Na formação do *corpus* desta pesquisa, alguns exemplos geraram mais dúvida que outros, dificultando a aplicação de critérios e sua classificação. Entre esses casos, um dos que mais gerou dúvidas foi a sequência *pegar gripe*.

Um dos principais exemplos do verbo *pegar* em uma construção com verbo suporte é representado pela sequência *pegar gripe*, como foi apresentado no exemplo (10), na página 15 *Maria pegou uma gripe muito forte*. Classificação essa que foi comprovada na mesma página com a aplicação do critério da relativização.

Porém, mesmo após aplicar o critério e comprovar a veracidade da classificação, surge uma dúvida: sendo a palavra *gripe* um nome de doença, todas as doenças que forem utilizadas com o verbo *pegar* também serão classificadas como construção com verbo suporte?

Para solucionar essa dúvida, fizemos uma pesquisa com 35 nomes de doenças e criamos propriedades para classificar essas doenças e perceber se todas elas se comportavam da mesma maneira que a sequência *pegar gripe*.

Os nomes das 35 doenças pesquisadas foram classificados na tabela como *Npred*, que significa nome predicativo, e esses nomes foram substituídos em cada uma das propriedades que foram aplicadas como as colunas da tabela. Os sinais + e - indicam a possibilidade de ocorrência (ou não) da propriedade analisada.

A primeira propriedade, *No pegar Npred*, foi utilizada para testar se todas as doenças pesquisadas também podem ser utilizadas como complemento do verbo *pegar* em uma construção com verbo suporte. Nos casos em que a doença pode ser utilizada com o verbo, a propriedade recebe um sinal positivo (+). E nos casos em que a doença não pode ser utilizada com o verbo *pegar*, recebe um sinal negativo (-).

Para exemplificar a primeira propriedade e a marcação dos sinais da tabela, podemos citar as doenças *alcoolismo* e *catapora*:

(34) ?*Maria pegou um alcoolismo muito forte.*

(35) *Maria pegou uma catapora muito forte.*

Em (34), temos um exemplo de doença que não é considerada contagiosa, por esse motivo não é usual para os falantes da língua utilizar essa doença como complemento do verbo *pegar*, logo, essa doença recebeu um sinal negativo na classificação da tabela. Porém, em (35), *catapora* é o nome de uma doença altamente contagiosa, o que permite sua utilização como complemento do verbo e a marcação com sinal positivo na tabela. Todavia, alguns casos não seguem essa convenção, como *pegar câncer*. Mesmo não sendo considerada uma doença contagiosa, *câncer* é utilizado como complemento do verbo *pegar* sem causar nenhum estranhamento para os falantes da língua e recebe sinal positivo na tabela das propriedades.

A segunda propriedade avalia a possibilidade de inserir o determinante *um* antes do nome predicativo, ou seja, antes do nome da doença. Utilizando os exemplos anteriores, (21) e (22), no primeiro caso, temos um exemplo que não permite a inserção do determinante, e no segundo, um caso que não causa problema algum na semântica da frase.

A terceira avalia a possibilidade de haver inversão entre o sujeito e o *Npred*. A simetria ocorre se esses termos da oração puderem mudar de posição sem alterar o sentido da frase, como no exemplo a seguir:

(36) *Maria pegou sarampo.*

(37) *O sarampo pegou Maria.*

Nos dois exemplos acima, a mensagem que se pretende passar ao interlocutor é a de que Maria foi infectada pelo *sarampo*. Para que essa mensagem seja efetuada, o falante pode escolher tanto um exemplo quanto o outro, pois a modificação do sujeito pelo argumento não acarretará problemas de interpretação, logo, a simetria ocorre porque a modificação dos termos não altera o sentido da frase.

A quarta propriedade é uma continuação da análise da simetria, pois seu objetivo é verificar se, havendo a simetria, há a possibilidade de inserir a preposição *em* antes do *No*, que anteriormente era o sujeito da oração. Utilizando o exemplo anterior, temos:

(37.1) *O sarampo pegou em Maria.*

Por não apresentar problemas no sentido da frase, o exemplo criado foi marcado com o sinal positivo (+).

A quinta propriedade avalia a possibilidade de modificar o verbo *pegar* pelo verbo *sofrer de*. Essa modificação ocorre porque o segundo verbo é variante do primeiro quando seu complemento se refere a nomes de doenças. Como exemplo dessa modificação podemos citar

(38) *Maria pegou asma.*

(38.1) *Maria sofre de asma.*

(39) *Maria pegou cobreiro.*

(39.1) **Maria sofre de cobreiro.*

Em (38), temos um caso de nome de doença que permite a modificação do verbo *pegar* para o verbo *sofrer*. Porém, em (39), a doença *cobreiro* não admite a mesma modificação, por isso foi assinalada na tabela com um sinal negativo (-) e, no exemplo, com um asterisco, que indica que a frase não é aceitável para o que se pretende.

Já na sexta propriedade, além de substituir o verbo *pegar* pelo verbo *ter*, também se avalia a possibilidade de acrescentar à frase um locativo, pois o novo verbo permite a inserção desse complemento. Tal avaliação foi demonstrada a seguir:

(40) *Maria pegou câncer.*

(40.1) *Maria teve câncer no esôfago.*

(41) *Maria pegou diabetes.*

(41.1) **Maria teve diabetes no esôfago.*

A inserção do locativo após a utilização do verbo *ter* é possível porque algumas doenças são específicas de partes isoladas do corpo, como no exemplo (40), que utiliza a doença *câncer*, que ocorre em partes isoladas do corpo humano. Contudo, em (41), *diabetes* não é uma doença isolada, ocorre no organismo como um todo, não permitindo a inserção do complemento locativo que designa a parte do corpo na qual ocorreu a doença. E em outros casos, os nomes de doenças, apesar de ocorrerem em partes específicas não aceitam complementos com partes do corpo. Como ocorre com **ter apendicite no apêndice*, **nefrite no rim*, **pneumonia do pulmão*, que formam sequências que não existem.

Na sétima propriedade, já não utilizamos outros verbos. Analisamos a possibilidade de, a partir da segunda propriedade analisada, que previa a inserção do determinante *um* antes do *Npred*, acrescentar ainda um adjunto à frase.

Com a análise dessa propriedade, foi possível comprovar que ela segue exatamente a classificação aplicada à segunda, ou seja, quando o *Npred* permite a inserção do determinante, também permite a do adjunto. E quando não é possível inserir o determinante, também não é possível inserir o adjunto. Exemplo:

(42) *Maria pegou uma anemia.*

(42.1) *Maria pegou uma anemia fortíssima.*

(43) **Maria pegou um Mal de Alzheimer.*

(43.1) **Maria pegou um mal de Alzheimer fortíssimo.*

Logo, quando a inserção do determinante *um* não é possível, a frase recebe um asterisco, o que também ocorre com a inserção do adjunto.

A oitava e última propriedade avalia a possibilidade de acréscimo de um novo substantivo, N_2 , ou seja, analisa a possibilidade do sujeito N_0 pegar a doença descrita em N_{pred} de um novo N , o que pode ser representado no exemplo abaixo:

(44) *Maria pegou erisipela de João.*

(45) **Maria pegou catarata de João.*

Com a análise da última propriedade, é possível afirmar que a inserção de N_2 é possível apenas para N_{pred} que designam doenças contagiosas, pois essas apresentam possibilidade de transferência para outro ser.

Assim, com a aplicação de todos os critérios que formaram a tabela que será apresentada, é possível concluir que a sequência *pegar gripe* e as sequências similares com outros nomes de doenças, de fato correspondem a exemplos de uma construção com verbo suporte.

Outro exemplo que gerou dúvidas quanto a sua classificação e nos motivou a criar uma nova tabela de análise foi *pegar carona*, assim como já foi citado no capítulo 5.1. Primeiramente, foram listados alguns N_{pred} que têm em comum com *carona* a transformação conversa:

(46) *Maria deu uma carona para João.*

(47) *João pegou uma carona com Maria.*

Todos esses N_{pred} possuem semântica relacionada a ajuda, por exemplo, quem dá ou recebe uma carona está ajudando ou sendo ajudado por alguém. Depois de selecionar os substantivos, selecionamos algumas propriedades que serão aplicadas para analisar cada uma das palavras.

Assim como na tabela de nomes de doenças, aplicando as propriedades criadas, cada N_{pred} receberá o sinal positivo (+), quando for possível aplicar a propriedade, e o sinal negativo (-), quando essa aplicação não for possível.

A primeira propriedade consiste em analisar a possibilidade de substituir o verbo *pegar* pelo verbo *ter* e acrescentar um novo substantivo como *para* N_1 . Para exemplificar, temos:

(48) *Maria tem carona para João.*

(49) **Maria tem mãozinha para João.*

Em (48), temos um caso em que a aplicação do critério é eficiente, porém, em (49), criou-se uma frase inaceitável do ponto de vista semântico, que foi devidamente assinalada com o asterisco.

Em (49), a escolha do substantivo *mãozinha* justifica-se pela proximidade semântica entre *dar uma carona* e *dar uma mãozinha*, pois ambos os exemplos indicam uma ajuda que foi dada a alguém.

A segunda propriedade prevê a inversão de N_0 e N_1 , testando se há inversão entre os termos da oração. Todavia, para que essa inversão seja possível, é preciso modificar a preposição *para* por *de*, como no exemplo:

(50) *Maria tem uma sugestão para João.*

(50.1) *João tem uma sugestão de Maria.*

No caso do N_{pred} *sugestão*, a simetria existe, pois, substituindo os dois termos da oração, não houve problemas no sentido da frase. No entanto, essa simetria nem sempre ocorre.

(51) **Maria tem ajuda para João.*

(51.1) *João tem ajuda de Maria.*

A terceira propriedade analisa *pegar* invertendo o sujeito N_0 com o N_1 e ainda acrescentando a preposição *com*. Vejamos:

(52) *Maria deu uma mãozinha para João.*

(52.1) *João pegou uma mãozinha com Maria.*

Ao analisar essa estrutura, percebemos que o verbo *pegar*, na propriedade em questão, é uma variação de *dar*, o que foi demonstrado no exemplo acima, pois ao inverter N_0 e N_1 , a manutenção de sentido só foi possível modificando os verbos.

A quarta propriedade também utiliza o verbo *pegar* e sugere a inversão de N_0 e N_1 , entretanto, utilizando a preposição *com*. Vejamos um exemplo:

(53) *Maria deu cola para João.*

(53.1) *João pegou cola com Maria.*

Mais uma vez, o verbo *pegar* é utilizado como variante de *dar*. Mas essa transformação nem sempre é possível, como podemos ver a seguir:

(54) *Maria deu apoio para João.*

(54.1) **João pegou apoio com Maria.*

O exemplo formado em (54.1) é um exemplo que não é utilizado por falantes nativos da língua, demonstrando que a variação entre *dar* e *pegar* nem sempre funciona para todos os casos.

A quinta e última propriedade analisa a possibilidade de, além do verbo *pegar*, haver uma relação entre os verbos *dar* e *ganhar*. Para isso, substituiu-se o verbo *pegar* pelo *ganhar* e inverteu-se N_0 e N_1 , mais uma vez. Ainda tentou-se inserir a preposição *de* antes do N_0 , como apresentado a seguir:

(55) *Maria deu um conselho para João.*

(55.1) *João ganhou um conselho de Maria.*

Como os verbos *dar* e *ganhar* possuem significados complementares, em todos os casos dessa substituição, o resultado foi positivo, isto é, foi possível fazer a substituição com todos os exemplos de N_0 .

Assim, após a análise da tabela e a aplicação de todas as propriedades desenvolvidas, é possível afirmar que o verbo *pegar*, na sequência *pegar carona*, é variante do verbo *dar*. Como o verbo *dar* é um exemplo de verbo suporte, pode-se afirmar que, nesse caso, o verbo *pegar* é um variante de verbo suporte.

6.4 CLASSIFICAÇÃO DE ENTRADAS LEXICAIS

Após a coleta e análise do *corpus* desta pesquisa, tornou-se necessário agrupar os exemplos utilizados delimitando as entradas lexicais, com o objetivo de solucionar problemas no PLN. Esse trabalho de delimitação torna-se importante para o PLN, por exemplo, para desfazer ambiguidades encontradas nos exemplos.

De acordo com Smarsaro, Laporte e Rocha (2012), o Léxico-Gramática prevê a classificação de palavras em entradas, e, ainda segundo os autores, para cada sentido expresso num

contexto frasal, a partir da descrição de suas propriedades sintático-semânticas, registra-se uma entrada.

No caso de frases com verbo suporte, como *Maria pegou uma gripe muito forte*, faz sentido atribuir uma entrada lexical ao substantivo predicativo *gripe*, mas não ao verbo suporte. Em todos os exemplos do nosso *corpus* com verbo suporte não encontramos razões para considerar que as ocorrências de *pegar* pertencessem a entradas lexicais diferentes.

Nessas construções, o verbo suporte cumpre um papel de palavra gramatical, da mesma forma que a preposição *de* em *João se lembrou de Maria*, e a delimitação de entradas lexicais de palavras gramaticais criaria muitas dúvidas.

No caso das expressões fixas, foi fácil reparar que cada exemplo corresponde a uma entrada separada, por ter um sentido diferente. A única exceção são os exemplos, da lista de entradas lexicais, (20) *O jogo pegou fogo depois do primeiro gol* e (21) *A festa de ontem pegou fogo*, nos quais a expressão tem o mesmo sentido e a mesma forma e, portanto, encontramos a mesma entrada.

O método que seguimos para delimitar as entradas lexicais no caso dos verbos plenos leva em conta dois critérios:

O primeiro é o da forma da construção sintática, incluindo a presença de complementos essenciais, e as preposições que introduzem esses complementos. Esse primeiro critério separa *A polícia pegou um bandido violento* e *João pegou na mão da namorada* em entradas distintas, por causa da preposição *em* no segundo.

No caso de *A muda de rosa pegou no jardim* e *A tinta pegou no meu cabelo*, concluímos que se trata de duas entradas diferentes por analisar *no jardim* como um complemento circunstancial corriqueiro, e *no meu cabelo* como um complemento essencial com uma interpretação obrigatória de contato físico, o que configura duas construções sintáticas distintas.

O segundo critério leva em conta a interpretação da frase. Por exemplo, entre *A polícia pegou um bandido violento* e *Maria pegou a primeira rua para chegar à minha casa*, não encontramos diferenças no número ou na forma sintática dos complementos, pois apresentam só um complemento direto, mas a significação é muito diferente.

Logo, após a análise dos casos de utilização do verbo *pegar* e da descrição de suas propriedades, dos 64 exemplos construídos com o verbo esse verbo, delimitamos 14 entradas lexicais com verbos plenos, 20 como verbo suporte e 22 com expressões fixas, totalizando 58 entradas que serão descritas a seguir.

7 RESULTADOS

Esse capítulo está destinado a demonstrar todos os resultados obtidos com a aplicação dos critérios explicados anteriormente, as fórmulas sintáticas de cada uma das frases que formam o *corpus* e as tabelas formadas com as pesquisas isoladas de alguns casos ambíguos presentes nos exemplos.

7.1 CLASSIFICAÇÃO DO CORPUS

Após a análise de todos os dados apresentados e a aplicação de critérios formais de identificação, pudemos formar uma classificação de todos os exemplos apresentados no *corpus* desta pesquisa.

A lista de exemplos foi dividida em três partes, sendo a primeira formada com os exemplos que apresentam o verbo *pegar* em sua realização como verbo pleno. A segunda parte apresenta os exemplos com o verbo em estudo funcionando como verbo suporte. E a terceira parte da lista traz os exemplos em que o verbo é classificado como formador de expressão fixa.

PEGAR COMO VERBO PLENO

- 1) *João pega cedo no trabalho.*
- 2) *Essa moda pega.*
- 3) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*
- 4) *João pegou na mão da namorada.*
- 5) *A muda de rosa pegou no jardim.*

- 6) *Maria pegou vários meninos na festa de ontem.*
- 7) *A tinta pegou no meu cabelo.*
- 8) *Maria pegou o ônibus errado e chegou atrasada para a reunião.*
- 9) *O carro pegou a criança que atravessava a rua.*
- 10) *A mãe pegou a criança no colo.*
- 11) *João pegou o maior peixe do lago.*
- 12) *Pegue a primeira rua para chegar à minha casa.*
- 13) *A polícia pegou um bandido violento.*
- 14) *Maria pegou o dinheiro de seu patrão.*
- 15) *João pegou um atalho perigoso.*
- 16) *O chiclete pegou no meu cabelo.*
- 17) *O motorista pegou o menino em casa para a festa.*
- 18) *O cachorro pegou a criança na rua.*
- 19) *Meu celular pega no interior.*
- 20) *O carro pegou de primeira.*
- 21) *Esse vinho é fraco, mas pega.*
- 22) *A professora me pegou com uma pergunta difícil.*

PEGAR COMO VERBO SUPORTE

- 1) *Maria pegou o papel de Julieta na peça.*
- 2) *Maria pegou uma gripe muito forte.*
- 3) *Maria pegou uma carona perigosa.*
- 4) *O réu pegou pena de 20 anos de prisão.*

- 5) *Meu filho pegou uma mania irritante.*
- 6) *A carne que fiz não pegou tempero.*
- 7) *Meu sapato novo já pegou a forma do meu pé.*
- 8) *Meu cabelo pegou a cor violeta.*
- 9) *A roupa de Maria pegou cheiro de cigarro.*
- 10) *A carne pegou sabor depois de temperada.*
- 11) *O chá pegou o gosto da panela.*
- 12) *Maria pegou gosto pelos estudos.*
- 13) *O creme não pegou a consistência que deveria ter.*
- 14) *Meu gato pegou o vício de fazer sujeira no banheiro.*
- 15) *Maria pegou um ódio mortal de João depois que foi traída.*
- 16) *Peguei nojo de olhar na cara de certas pessoas.*
- 17) *Maria pegou a aparência de sua mãe.*
- 18) *O índio pegou o modo de vida dos brancos.*
- 19) *O time paulista pegou a forma de jogar do time carioca.*
- 20) *Maria pegou o jeito de fazer o exercício.*

PEGAR COMO FORMADOR DE EXPRESSÃO FIXA

- 1) *Maria pegou minha ideia para o trabalho.*
- 2) *A loja pegou fogo devido ao vazamento de gás.*
- 3) *Maria pegou no sono no cinema.*
- 4) *O goleiro da seleção brasileira pegou um pênalti decisivo.*
- 5) *Maria pegou um vestido emprestado comigo para ir à festa.*

- 6) *João pega onda na praia de Copacabana.*
- 7) *O filho pegou no ar o assunto da conversa dos pais.*
- 8) *Maria pegou seu marido no flagra.*
- 9) *Maria pegou seu marido com a boca na botija.*
- 10) *Maria pega no pé dos filhos.*
- 11) *Maria pegou o boi quando ganhou o ingresso do cinema.*
- 12) *Meu carro pegou no tranco.*
- 13) *Maria pegou o bonde andando e não entendeu o assunto.*
- 14) *A roupa que escolhi não pegou bem para a ocasião.*
- 15) *A roupa que escolhi pegou mal para a ocasião.*
- 16) *João pega pesado no trabalho.*
- 17) *João pediu à mãe que pegasse leve no castigo.*
- 18) *João pegou prisão perpétua pelo crime que cometeu.*
- 19) *Maria pegou barriga na primeira noite que dormiu com o namorado.*
- 20) *O jogo pegou fogo depois do primeiro gol.*
- 21) *A festa de ontem pegou fogo.*
- 22) *Maria pegou um cinema com o namorado ontem.*

7.2 ENTRADAS LEXICAIS

Após a classificação do verbo em entradas lexicais e com as explicações sobre a escolha por não acrescentar verbos suporte e verbos formadores de expressões fixas nas listas de entradas, chegamos ao resultado de uma lista com os exemplos do *corpus* que correspondem a verbos plenos e os dividimos em 14 entradas lexicais, que estão descritas a seguir.

- 1) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

2) *Maria pegou o dinheiro de seu patrão.*

A mãe pegou a criança no colo.

O cachorro pegou a criança na rua.

3) *A muda de rosa pegou no jardim.*

Essa moda pega.

4) *O chiclete pegou no meu cabelo.*

5) *A tinta pegou no meu cabelo.*

6) *Maria pegou o ônibus errado e chegou atrasada para a reunião.*

7) *O carro pegou a criança atravessando a rua.*

8) *O carro pegou de primeira.*

Meu celular pega no interior.

9) *João pegou o maior peixe do lago.*

A polícia pegou um bandido violento.

10) *Esse vinho é fraco, mas pega.*

11) *João pega cedo no trabalho.*

12) *Maria pegou um cinema com o namorado ontem.*

13) *O motorista pegou o menino para a festa.*

14) *A professora me pegou com uma pergunta difícil.*

7.3 FÓRMULAS SINTÁTICAS

7.3.1 Fórmulas para representar as frases com o verbo *pegar* como verbo pleno

1) *João pega cedo no trabalho.*

No pegar Adv-tempo

Nhum pegar Adv-tempo

2) *Essa moda pega.*

N₀ pegar

Nabs pegar

3) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

N₀ pegar *N₁* Loc *N₂*

Nhum pegar *Nhum/Nconc* Loc *Nhum/Nconc*

4) *João pegou na mão da namorada.*

N₀ pegar em *N₁*

Nhum pegar em *Nconc*

5) *A muda de rosa pegou no jardim.*

N₀ pegar

N_{planta} pegar

6) *Maria pegou vários meninos na festa de ontem.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Nhum*

7) *A tinta pegou no meu cabelo.*

N₀ pegar em *N₁*

Nconc pegar em *Nconc*

8) *Maria pegou o ônibus errado e chegou atrasada para a reunião.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Ntransporte*

9) *O carro pegou a criança atravessando a rua.*

N₀ pegar *N₁*

Nconc pegar *Nhum*

10) *A mãe pegou a criança no colo.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Nhum*

11) *João pegou o maior peixe do lago.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Nconc*

12) *Maria pegou a primeira rua para chegar à minha casa.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *N₁*

13) *A polícia pegou um bandido violento.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Nhum*

14) *Maria pegou o dinheiro de seu patrão.*

N₀ pegar *N₁* de *N₂*

Nhum pegar *Nconc* de *Nhum*

15) *João pegou um atalho perigoso.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Nabs*

16) *O chiclete pegou no meu cabelo.*

N₀ pegar em *N₁*

Nconc pegar em *Nconc*

17) *O motorista pegou o menino em casa para a festa.*

N₀ pegar *N₁* *Loc* *N₂* para *N₃*

Nhum pegar *Nhum* Loc *Nloc* para *Nloc*

18) *O cachorro pegou a criança na rua.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Nhum*

19) *Meu celular pega no interior.*

N₀ pegar

Nconc pegar

20) *O carro pegou de primeira.*

N₀ pegar

Nconc pegar

21) *Esse vinho é fraco, mas pega.*

N₀ pegar

Nconc pegar

22) *A professora me pegou com uma pergunta difícil.*

N₀ pegar *N₁*

Nhum pegar *Nhum*

7.3.2 Fórmulas para representar as frases com o verbo *pegar* como verbo suporte

1) *Maria pegou o papel de Julieta na peça.*

N₀ pegar *det* papel de *N₁*

Nhum pegar *det* papel de *Nhum/Nconc*

2) *Maria pegou uma gripe muito forte.*

N₀ pegar gripe

Nhum pegar gripe

3) *Maria pegou uma carona perigosa.*

N_0 pegar carona

Nhum pegar carona

4) *O réu pegou pena de 20 anos de prisão.*

N_0 pegar pena de N_1

Nhum pegar pena de N_1

5) *Meu filho pegou uma mania irritante.*

N_0 pegar mania

Nhum pegar mania

6) *A carne que fiz pegou tempero.*

N_0 pegar tempero

Nconc pegar tempero

7) *Meu sapato novo já pegou a forma do meu pé.*

N_0 pegar a forma de N_1

Nconc pegar a forma de *Nconc*

8) *Meu cabelo pegou a cor violeta.*

N_0 pegar cor

Nconc pegar cor

9) *A roupa de Maria pegou cheiro de cigarro.*

N_0 pegar cheiro de N_1

Nconc pegar cheiro de *Nconc*

10) *A carne pegou sabor depois de temperada.*

N_0 pegar sabor

Nconc pegar sabor

11) *O chá pegou o gosto da panela.*

N₀ pegar gosto de *N₁*

Nhum pegar gosto de *Nconc*

12) *Maria pegou gosto pelos estudos.*

N₀ pegar gosto por *N₁*

Nhum pegar gosto por *Nabs*

13) *O creme pegou consistência.*

N₀ pegar consistência

Nconc pegar consistência

14) *Meu gato pegou o vício de fazer sujeira no banheiro.*

N₀ pegar vício de *V-inf W*

Nhum pegar vício de *V-inf W*

15) *Maria pegou um ódio mortal de João depois que foi traída.*

N₀ pegar ódio de *N₁*

Nhum pegar ódio de *Nhum*

16) *Maria pegou nojo de olhar na cara de certas pessoas.*

N₀ pegar nojo de *V-inf W*

Nhum pegar nojo de *V-inf W*

17) *Maria pegou a aparência de sua mãe.*

N₀ pegar aparência de *N₁*

Nhum pegar aparência de *Nhum*

18) *O índio pegou o modo de vida dos brancos.*

N_0 pegar o modo de vida de N_1

N_{hum} pegar o modo de vida de N_{hum}

19) *O time paulista pegou a forma de jogar eficaz.*

N_0 pegar *Det* forma de *V-inf W* de N_1

N_{hum} pegar *Det* forma de *V-inf W* de N_{hum}

20) *Maria pegou o jeito de fazer o exercício.*

N_0 pegar o jeito de *V-inf W*

N_{hum} pegar o jeito de *V-inf W*

7.3.3 Fórmulas para representar as frases com o verbo *pegar* como componente de expressões fixas

1) *Maria pegou minha ideia para o trabalho.*

N_0 pegar ideia

N_{hum} pegar ideia

2) *A loja pegou fogo devido ao vazamento de gás.*

N_0 pegar fogo

N_{conc} pegar fogo

3) *Maria pegou no sono no cinema.*

N_0 pegar no sono

N_{hum} pegar no sono

4) *O goleiro da seleção brasileira pegou um pênalti decisivo.*

N_0 pegar pênalti

N_{hum} pegar pênalti

5) *Maria pegou um vestido emprestado comigo para ir à festa.*

N_0 pegar N_1 emprestado com N_2

$Nhum$ pegar $Nconc$ emprestado com $Nhum$

6) *João pega onda na praia de Copacabana.*

N_0 pegar onda

$Nhum$ pegar onda

7) *O filho pegou no ar o assunto da conversa dos pais.*

N_0 pegar no ar N_1

$Nhum$ pegar no ar $Nabs$

8) *Maria pegou seu marido no flagra.*

N_0 pegar N_1 no flagra

$Nhum$ pegar $Nhum$ no flagra

9) *Maria pegou seu marido com a boca na botija.*

N_0 pegar N_1 com a boca na botija

$Nhum$ pegar $Nhum$ com a boca na botija

10) *Maria pega no pé dos filhos.*

N_0 pegar no pé de N_1

$Nhum$ pegar no Pé de $Nhum$

11) *Maria pegou o boi quando ganhou o ingresso do cinema.*

N_0 pegar o boi

$Nhum$ pegar o boi

12) *Meu carro pegou no tranco.*

N_0 pegar no tranco

$Nconc$ pegar no tranco

13) *Maria pegou o bonde andando e não entendeu o assunto.*

N_0 pegar o bonde andando

N_{hum} pegar o bonde andando

14) *A roupa que escolhi pegou bem para a ocasião.*

N_0 pegar bem

N_{conc} pegar bem

15) *A roupa que escolhi pegou mal para a ocasião.*

N_0 pegar mal

N_{conc} pegar mal

16) *João pega pesado no trabalho.*

N_0 pegar pesado em N_I

N_{hum} pegar pesado em N_{Loc}

17) *Maria pegou leve no castigo dos filhos.*

N_0 pegar leve em N_I

N_{hum} pegar leve em N_{abs}

18) *João pegou prisão perpétua pelo crime que cometeu.*

N_0 pegar prisão perpétua

N_{hum} pegar prisão perpétua

19) *Maria pegou barriga.*

N_0 pegar barriga

N_{hum} pegar barriga

20) *O jogo pegou fogo depois do primeiro gol.*

N_0 pegar fogo

Nabs pegar fogo

21) *A festa de ontem pegou fogo.*

No pegar fogo

Nabs pegar fogo

22) *Maria pegou um cinema com o namorado ontem.*

No pegar *Det* cinema

Nhum pegar *Det* cinema

7.4 TABELAS

Como foi explicado anteriormente, uma dúvida gerada com a sequência *pegar gripe* nos motivou a criar uma tabela com o nome de 35 doenças para verificar se, sendo nome de doença, todas elas receberiam a mesma classificação.

Tal dúvida surgiu com a possibilidade de classificar as estruturas formadas com o verbo *pegar* e alguns nomes de doenças em entradas lexicais diferentes. Após a análise da lista de doenças utilizadas na tabela a seguir, ficou claro que o verbo em questão não seria classificado com uma entrada diferente para cada nome de doença a ele ligado. Isso porque, conforme explicado no capítulo 6.4, a classificação de palavras em entradas, faria sentido se atribuíssemos uma entrada lexical ao substantivo predicativo do nome da doença, e não ao verbo *pegar*.

Com os dados coletados formou-se a tabela a seguir:

Npred	N0 pegar Npred	No pegar um Npred	Npred pegar N0	Npred pegar em N0	N0 sofrer de Npred	N0 ter Npred Loc N1	N0 pegar um Npred Adjunto	N0 pegar Npred de N2
Alcoolismo	-	-	+	-	+	-	-	-
mal de Alzheimer	-	-	+	-	+	-	-	-
Anemia	+	+	+	+	+	-	+	-
apendicite	-	-	+	-	+	-	-	-
Artrite	-	+	+	-	+	+	+	-
Asma	+	+	+	-	+	-	+	-
bronquite	+	+	+	-	+	-	+	-
Câncer	+	+	+	-	+	+	+	+
catapora	+	+	+	+	-	-	+	+
Catarata	+	+	+	-	+	+	+	-
Cobreiro	+	+	+	-	-	+	+	+
Cólica	-	+	+	-	+	+	+	-
depressão	+	+	+	+	+	-	+	-
derrame	+	-	-	-	-	+	-	-
Diabetes	+	+	+	-	+	-	+	-
Disenteria	-	+	+	-	+	-	+	-
Enfarto	-	-	-	-	-	+	-	-
Epilepsia	-	-	-	-	+	-	-	-
Erisipela	+	+	+	-	+	+	+	+
Escorbuto	+	+	+	+	+	+	+	+
Glaucoma	+	+	+	-	+	+	+	-
Gripe	+	+	+	+	-	-	+	+
Hemorragia	-	+	-	-	+	+	+	-
Influenza	+	+	+	-	+	-	+	+
Insônia	-	+	+	+	+	-	+	-
mal de parkinson	+	-	+	-	+	-	-	-
Menopausa	-	+	+	-	+	-	+	-

Nefrite	+	+	+	-	+	-	+	-
Obesidade	-	-	-	-	+	-	-	-
Osteoporose	+	+	+	+	+	+	+	-
Pneumonia	+	+	+	-	+	-	+	-
Sarampo	+	+	+	+	-	-	+	+
Tosse	+	+	+	+	+	-	+	+
Urticária	+	+	-	+	+	+	+	-

Além dos nomes de doenças, outro exemplo causou dificuldades de classificação devido à ambiguidade que percebemos ao analisá-lo, o exemplo *pegar carona*.

Para solucionar a ambiguidade encontrada no exemplo acima, criamos uma nova tabela, com propriedades que nos permitem classificar com mais exatidão a sequência estudada. As propriedades formadoras da tabela foram escolhidas devido a utilização das mesmas ser recorrente na Língua Portuguesa. A tabela formada está representada a seguir.

Npred	N0 ter Npred para N1	N1 ter Npred de N0	N1 pegar um Npred com N0	N1 pegar Npred com N0	N1 ganhar um Npred de N0
ajuda	-	+	+	+	+
apoio	-	+	-	-	+
carona	+	+	+	+	+
Cola	+	-	+	+	+
conselho	+	+	+	-	+
Dica	+	+	+	+	+
Ideia	+	-	+	-	+
Mãozinha	-	+	+	-	+
Sugestão	+	+	+	-	+

Com a análise da tabela acima, e baseado nos estudos de Labele (1986), que explicita a importância da criação de tabelas para a obtenção de classificações pertinentes, foi possível comprovar que o verbo *pegar* na sequência *pegar carona* é variante do verbo *dar*. Além disso, foi possível perceber que, ao aplicarmos o critério da relativização no exemplo *pegar carona*, a única forma de desfazer a ambiguidade é a inserção de novos itens à frase, pra deixar claro ao leitor a variação existente entre *dar* e *pegar carona*.

7.5 COMPARANDO OS ESTUDOS SOBRE O VERBO *PEGAR* COM PESQUISAS ANTERIORES

Ao decidirmos fazer uma pesquisa aprofundada sobre as várias possibilidades semânticas de utilização do verbo *pegar* e suas classificações, consideramos importante fazer um levantamento sobre as pesquisas já realizadas sobre descrição de verbos da Língua Portuguesa.

Para fazer uma comparação com os resultados encontrados com a presente pesquisa e resultados anteriormente apresentados por outros pesquisadores, nos amparamos na tese de doutorado do Prof. Dr. Oto Araújo Vale, intitulada *Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: Uma Proposta de Tipologia*.

A tese analisada apresenta um estudo sobre expressões cristalizadas. Para isso, o autor apresenta definições importantes sobre expressões cristalizadas, divide essas expressões em categorias, por exemplo, não verbais, adverbiais e substantivais, analisa diferentes tipos de sujeito em frases com expressões cristalizadas, e relata as abordagens, ou a falta delas, em gramáticas tradicionais.

Além disso, Vale produz em seu trabalho tábuas com propriedades semânticas, que se assemelham às propriedades apresentadas nessa pesquisa, e para todas as expressões estudadas assinala as propriedades semânticas com sinais + e –, indicando, respectivamente, se apresentam ou não essas propriedades.

Todavia, o que queremos salientar na pesquisa realizada por Vale é a análise especialmente do verbo *pegar*. O autor cita 21 ocorrências de uso desse verbo em expressões fixas. Algumas dessas ocorrências coincidem com a classificação aplicada nesta pesquisa. Como exemplo de utilizações do verbo em estudo que se repetem em ambos os estudos podemos citar *pegar*

barriga, pegar o boi, pegar um cinema, pegar uma onda, pegar no sono, pegar no tranco, pegar o bonde andando e pegar no pesado. Essa repetição foi importante para nossos estudos porque foi outra forma de nos certificarmos de que a aplicação de critérios estava sendo realizada com precisão.

Apesar de alguns exemplos, como os citados acima, se repetirem neste trabalho e no realizado por Vale, outros aparecem apenas em um dos dois estudos. Comprovando essa afirmação podemos citar os exemplos utilizados por Vale que não fazem parte desse trabalho, que são *pegar em armas, pegar no cabo da enxada, pegar na enxada, pegar na palavra, pegar no pau furado, pegar na pena, pegar com os santos, pegar fita, pegar uma ponta, pegar o rebote, pegar um teatro, pegar traíra e pegar (um) vídeo.* Três deles, *pegar na enxada, pegar um teatro e pegar um vídeo,* poderiam ter constado em nosso *corpus*, da mesma forma do que o exemplo (22) *Maria pegou um cinema com o namorado ontem.*

Os outros exemplos citados são desconhecidos por nós enquanto expressões, ou seja, só podemos fazer hipóteses quanto ao seu significado. Alguns casos podem representar regionalismos, aos quais não fomos expostos por morarmos no norte do Espírito Santo.

Porém, outras expressões fixas formadas com o verbo *pegar* não foram abordadas por Vale em sua pesquisa, como *pegar no ar, pegar no flagra, pegar com a boca na botija, pegar no pé, pegar bem, pegar mal, pegar leve, pegar pesado, pegar prisão perpétua, pegar fogo, pegar ideia, pegar pênalti e pegar emprestado.*

Uma explicação dessa diferença, além da possibilidade de regionalismos, pode ser que a tese de Vale não procura se debruçar sobre questões relacionadas com construções com verbo suporte. Com essas diferenças apresentadas, é possível perceber que ambas as pesquisas são complementares, pois apresentam expressões diferenciadas com igual importância para o PLN.

Portanto, a análise comparativa feita entre a presente pesquisa e a apresentada por Vale foi importante para salientar a relevância de estudos de exemplos mais detalhados do verbo *pegar* em diferentes contextos de uso da língua portuguesa. Isso porque a continuação das pesquisas já existentes amplia o campo de estudos da linguística e contribui diretamente para descrição e para o Processamento Automático de Linguagem Natural.

7.6 COMPARAÇÃO OS ESTUDOS SOBRE O VERBO *PEGAR* COM INGLÊS E FRANCÊS

Após fazer todas as análises de todas as frases apresentadas nesta pesquisa com o verbo *pegar*, foi possível chegar a algumas conclusões quanto a sua manifestação na língua, suas classificações e os diferentes sentidos que esse verbo pode assumir em diferentes contextos comunicativos.

Uma das conclusões a qual chegamos que já era esperada foi que o verbo *pegar* varia semanticamente, podendo assumir diversos sentidos. Além disso, foi possível perceber, como também era esperado, que tal fenômeno linguístico não ocorre apenas na Língua Portuguesa. Outras línguas também possuem variações de sentido para o mesmo verbo, dependendo dos argumentos ligados a ele, como se pode observar em exemplos da língua inglesa.

No inglês, o verbo *pegar* em seu sentido prototípico, que significa “segurar”, é traduzido como *to take*, como no exemplo a seguir:

(56) *Maria took the book on the table.*

(56.1) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

Porém, o verbo *pegar* em inglês, *to take*, com a mesma grafia pode passar a ter outros sentidos, dependendo da frase em que é utilizado, assim como o que acontece com o verbo em português. Para exemplificar esse fato podemos citar:

(57) *Maria took a shower.*

(57.1) *Maria tomou um banho.*

(58) *Maria took a bus.*

(58.1) *Maria pegou um ônibus.*

(59) *Maria took her seat in the committee.*

(59.1) *Maria assumiu a sua cadeira no comitê.*

(60) *Maria takes her daughter to school every day.*

(60.2) *Maria leva sua filha para escola todos os dias.*

Em todos os exemplos acima, o verbo utilizado foi o mesmo: *to take* “pegar”. Porém, em cada uma das frases ele assume um sentido diferente, como foi apresentado nas traduções.

Utilizando a mesma frase do exemplo (61), em francês, temos:

(61) *Maria a pris le livre sur la table.*

(61.1) *Maria pegou o livro sobre a mesa.*

No exemplo acima, mais uma vez temos o verbo *pegar* em seu sentido prototípico, de “segurar, agarrar, tomar para si”. Entretanto, quando mudamos os argumentos atrelados ao verbo, este assume sentidos diversos, como a seguir:

(62) *La bouture a pris.*

(62.1) *A muda pegou.*

(63) *Maria a pris le bus.*

(63.1) *Maria pegou o ônibus.*

(64) *Maria a pris la troisième rue à droite.*

(64.1) *Maria pegou a terceira rua à direita.*

Em (62), o verbo *a pris* foi utilizado com o sujeito *La bouture* “a muda”. Por esse motivo ele deixa de ter seu sentido prototípico de “segurar, agarrar”, e passa a ter o sentido de “vingar, crescer, florescer”, já que o sujeito está relacionado a plantas.

Após a análise de todos os exemplos utilizados, tanto no inglês quanto no francês, fica evidente que a variação de sentido que o verbo *pegar* pode assumir não é um fenômeno isolado da Língua Portuguesa.

7.7 COMPARAÇÃO OS ESTUDOS SOBRE O VERBO PEGAR COM DICIONÁRIO

Quando queremos saber o significado de uma palavra, é natural que a primeira pesquisa que se faça é em um dicionário. Ao estudarmos os sentidos do verbo *pegar*, mesmo já tendo um *corpus* construído com 65 sentidos diferentes desse verbo, achamos importante fazer uma comparação com os sentidos utilizados na pesquisa e os descritos no dicionário.

Para realizar essa comparação, utilizamos o Dicionário Aurélio on-line disponível em Aurélio online: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Pegar.html>, onde encontramos:

v.t. Agarrar, segurar. / Fazer aderir; colar, grudar. / Comunicar por contágio ou contato; transmitir: ele me pegou a doença. / &151; V.i. Lançar raízes: a planta pegou. / Generalizar-se: a moda pegou. / Começar: pegou logo no trabalho. / Ser contíguo: esta sala pega com a outra. / Fam. Colar no fundo de um recipiente, durante o cozimento: o arroz pegou. / Pedir auxílio a: pegou-se com os santos. / Altercar: os dois pegaram-se feio. / Não dar motivo a crítica: não tem nada por que se lhe pegue. / Não prestar para nada: não tem por onde se lhe pegue. // Pegar no pesado, trabalhar. // Pegar no sono, adormecer. // Pegar fogo, incendiar-se. // Pop. Isso não pega, isso não convence.

De acordo com a descrição feita no dicionário, o verbo *pegar* possui apenas 16 sentidos diferentes. Dentre esses, 10 estão presentes no *corpus* desta pesquisa, e os outros 6 são diferentes. Por já termos delimitado anteriormente o *corpus*, optamos por não acrescentar os novos sentidos encontrados no dicionário à lista de exemplos construídos para análise do verbo.

O dicionário apresenta um número muito inferior de sentidos para o verbo estudado comparado à lista desta pesquisa.

Além disso, o dicionário cita a sequência *pegar fogo*, que também está presente no *corpus*, sem citar que há uma ambiguidade nessa combinação. Essa ambiguidade existe dependendo do complemento utilizado na frase, como a seguir:

(65) *A loja pegou fogo devido ao vazamento de gás.*

(66) *O jogo pegou fogo depois do primeiro gol.*

Nos exemplos (65) e (66), apesar de termos a mesma sequência com o verbo *pegar*, a diferença de sentido é bastante clara, pois no em (65) temos o sentido de incendiar, e no segundo (66) de ficar mais emocionante, acirrado. Essa ambiguidade não foi explicada pelo dicionário.

Com esse exemplo, fica claro que os dicionários tradicionais, como o utilizado para essa comparação, não são a única fonte de informações para se listar os sentidos das palavras.

Portanto, mais uma vez se mostra relevante o estudo da descrição de palavras tanto para linguistas quanto para qualquer usuário da língua, pois é através desse estudo que podemos ter uma dimensão real da utilização da língua de forma plena e mais eficiente.

8 CONCLUSÃO

Neste estudo, foram descritas 65 construções com o verbo *pegar* com sentidos diferentes, e foram apresentadas duas tabelas de nomes predicativos, uma para 35 substantivos de doenças e sintomas, e outra para 9 substantivos relacionados à palavra *ajuda*.

A primeira conclusão relevante que se obtém com essa pesquisa é a grande diferença existente entre as descrições informais e a descrição formalizada. A primeira consiste nas descrições feitas por dicionários, impressos e digitais, que se resumem a trazer apenas descrições semânticas das palavras, e ainda não descrevem a fundo todos os possíveis sentidos que uma palavra pode assumir na língua. Além disso, essa descrição informal não se preocupa com a parte sintática da língua, priorizando apenas a semântica.

Já a descrição formalizada, além de levar em consideração a semântica das palavras, proporciona sua análise sintática, criando fórmulas sintáticas para as frases, classificando cada uma de suas palavras.

Além dessa diferença, percebemos que a descrição informal pode ser utilizada pelos falantes da língua apenas como forma de pesquisa semântica, enquanto que a descrição formal é relevante não só para os falantes, como também para os informatas, que, a partir da formalização, podem criar eficientes programas de leitura e tradução de textos em computadores.

Outra constatação importante com a pesquisa que está sendo desenvolvida é o fato de as gramáticas tradicionais não abordarem em seus estudos sobre verbos as classificações verbais mencionadas aqui. Na revisão bibliográfica dessa pesquisa, foi encontrado apenas um autor de gramática tradicional que mencionou a classificação de verbo suporte em seus estudos, (PERINI, 2010).

Assim, essa pesquisa demonstra a relevância dos estudos descritivos das palavras da Língua Portuguesa, primeiro porque apresenta diversas reflexões sobre o ensino da língua portuguesa e, segundo, porque essas descrições auxiliam os informatas no PLN.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, **Dicionário on-line da Língua Portuguesa**, disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/Pegar.html>

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 2002 [1987].

BORBA, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**, 26^a Ed. Vozes, 2007.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008

DUARTE, I. **Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras**. In: Mira Mateus *et al.* Gramática da língua portuguesa, 5 ed. Lisboa : Caminho, 2003.

GROSS, Gaston. Degré de figement des noms composés. **Langages** n. 90. p.57-72, 1988.

GROSS, Gaston. **Les constructions converses du français**, Genève: Droz. 1989.

GROSS, Gaston. **Eliminating Semantic Ambiguity by means of a Lexicon-Grammar**, in Daniel Bresson, Jacqueline Kubczak (eds.), *Abstrakte Nomina. Vorarbeiten zu ihrer Erfassung in einem zweisprachiger syntagmatischen Wörterbuch*, Tübingen: Gunter Narr, 1998, p. 253-272.

GROSS, Maurice. **Méthodes en syntaxe**. Paris: Hermann, 1975.

GROSS, Maurice. Une classification des phrases "figées" du français. **Revue québécoise de linguistique**, Vol. 11, n. 2, p.151-185, 1982.

GROSS, Maurice. Lexicon-Grammar. **The Representation of Compound Words**. In: COLING – 1986 Proceedings, Bonn, 1986.

GROSS, Maurice. **Methods and Tactics in the Construction of a Lexicon- Grammar**. Linguistics in the Morning Calm 2, Selected Papers from SICOL, Seoul: Hanshin Publishing Company 1986, p. 177-197.

GROSS, Maurice. **"Constructing Lexicon-grammars"**. In *Computational Approaches to the Lexicon*, Atkins and Zampolli (eds.), Oxford Univ. Press, 1994, p. 213-263.

GROSS, Maurice., "The Lexicon-Grammar of a Language: Application to French". In R.E.Asher (ed.), *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, Oxford/NewYork/Seoul/Tokyo: Pergamon, vol. 4, 1994. 2nd edition 2005 p. 2195-2205.

LAPORTE, Eric. A Lingüística para o processamento das línguas. In: **Revista Recortes Lingüísticos**. Vitória: Saberes, n. 1, p. 67-75, 2000.

LAPORTE. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do Léxico-gramática. In: **Revista (Con)Textos Lingüísticos**. Vitória: PPGEL/Ufes, n. 2, p. 26-51, 2008.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 7. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1986. 194 p. (1974)

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena Moura. **Estudo das construções com verbo-suporte em português**. In Ingedore G. Villaça Koch, org. *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Fapesp, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA JR., Oswaldo Novais de; NUNES, Maria das Graças Volpe; OLIVEIRA, Maria 299 Cristina Ferreira de. Por que ainda não conseguimos conversar com o computador? In: **Jornal Primeira Página**. São Carlos: USP, 22 jun. 1997. Disponível em: <<http://nilc.icmc.sc.usp.br/download/PrimPag.ps>>. Acesso em: 20 out. 2012.

OTHERO, Gabriel de Ávila; MENUZZI, Sérgio de Moura. **Linguística computacional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Parábola, 2004

PERINI, Mário Alberto. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola, 2006. 208 p.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010

RANCHHOD, Elisabete. **O uso de dicionários e de autómatos finitos na representação lexical das línguas naturais**. In Elisabete Marques Ranchhod (org.), *Tratamento das Línguas por Computador. Uma Introdução à Linguística Computacional e suas Aplicações*, Lisboa: Caminho, 2001

RODRIGUES, Carlos Roberto de Souza. **Descrição e formalização de estruturas com verbos de ação-processo para a elaboração de um *parser***. Vitória

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SAID ALI, Manuel, **Gramática Elementar da Língua Portuguesa**, 1923;

SMARSARO, Aucione das Dores. **O Processamento Automático da Linguagem Natural: Uma Introdução à Linguística Computacional**. In: Revista Recortes Linguísticos. Vitória: Saberes, n.1 p. 77-90, 2000

SMARSARO, Aucione D, **Descrição e Formalização de palavras compostas do português do Brasil para a elaboração de um dicionário eletrônico**. 2004, 154 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

SCHER, A. P. **As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações em –ada no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

VALE, Oto Araújo, **Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: uma proposta de tipologia**. Tese (doutorado) Unesp –Araraquara - 2001.